



**FUNDAÇÃO EDSON QUEIROZ
UNIVERSIDADE DE FORTALEZA - UNIFOR
Vice-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação – VRPPG
Programa de Pós-Graduação em Psicologia – PPG-Psi
Mestrado em Psicologia**

ANDRESSA MARIA CORREIA VASCONCELOS

**Dançando no Salão da Vida: Apontamentos sobre a Experiência de Dançar a
Dois de Idosos na Cidade de Fortaleza-CE**

**Dancing in the Hall of Life: Notes about the Experience of Dancing to Two
of the Elderly in the City of Fortaleza-CE**

FORTALEZA

2015

ANDRESSA MARIA CORREIA VASCONCELOS

Dançando no Salão da Vida: Apontamentos sobre a Experiência de Dançar a Dois de Idosos na Cidade de Fortaleza-CE

Dancing in the Hall of Life: Notes about the Experience of Dancing to Two of the Elderly in the City of Fortaleza-CE

Dissertação apresentada à Coordenação do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade de Fortaleza – UNIFOR em cumprimento à etapa de Defesa, requisito para a obtenção do título de Mestre em Psicologia.

Área de Concentração: Psicologia, Sociedade e Cultura.

Linha de Pesquisa: Ambiente, Trabalho e Cultura nas Organizações Sociais.

Orientador: Prof. Dr. José Clerton de Oliveira Martins.

FORTALEZA

2015

V331d

Vasconcelos, Andressa Maria Correia.

Dançando no salão da vida: apontamentos sobre a experiência de dançar a dois de de idosos na cidade de Fortaleza-CE = Dancing in the hall of life: notes about the experience of dancing to two of the elderly in the city of Fortaleza-CE / Andressa Maria Correia Vasconcelos. 2015.

143 f.

Dissertação (mestrado) – Universidade de Fortaleza, 2015.

“Orientação: Prof. Dr. José Clerton de Oliveira Martins”

1. Idosos - Aspectos psicológicos. 2. Dança de salão. 3. Comportamento.
I. Martins, José Clerton de Oliveira. II. Título.

CDU 159.922.63



FUNDAÇÃO EDSON QUEIROZ
UNIVERSIDADE DE FORTALEZA – UNIFOR
Vice-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação - VRPPG
Programa de Pós-Graduação em Psicologia - PPG-Psi
Mestrado em Psicologia

Dissertação intitulada “**Dançando no Salão da Vida: Apontamentos sobre a Experiência de Dançar a Dois de Idosos na Cidade de Fortaleza-CE**”, de autoria da mestrande Andressa Maria Correia Vasconcelos, submetida à coordenação do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade de Fortaleza – UNIFOR como requisito parcial à obtenção do título de Mestre.

Aprovada pela banca examinadora constituída pelos seguintes professores:

Banca Examinadora



Prof. Dr. José Clerton de Oliveira Martins - (UNIFOR) – Orientador



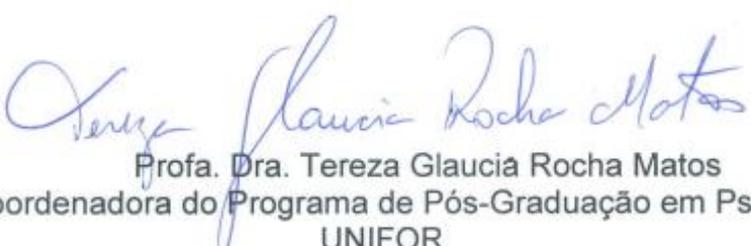
Prof. Dr. José Albio Moreira de Sales – (UECE)



Prof. Dr. Francisco Antonio Francileudo – (FCF)

Fortaleza, 11 de Agosto de 2015.

Visto:


Profa. Dra. Tereza Glauçia Rocha Matos
Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Psicologia
UNIFOR

A Deus...

O meu tudo e a minha fortaleza!

Aos meus queridos avôs José

Vasconcelos e Darci Correia,

hoje, na eternidade, exemplos

de valores inabaláveis.

À minha família,

fonte de amor e fé!

Agradecimentos

Expresso aqui a minha profunda gratidão àqueles que tornaram a realização desse grande sonho possível. Sem essas pessoas eu não teria conseguido.

Gostaria de agradecer primeiramente a Deus, que me deu saúde, força, e capacidade de prosseguir nessa caminhada de muitas lutas, mas também de muitas realizações e alegrias.

Agradeço à minha família, que esteve do meu lado e me deu suporte espiritual, emocional e financeiro, principalmente às quatro mulheres da minha vida: mãe, avós e irmã. Para mim, essas mulheres são o maior exemplo de garra, caráter e força que alguém pode ter. Agradeço também a minha tia Rejane Vasconcelos pelos valiosos direcionamentos nesta caminhada de pesquisa. Agradeço aos meus queridos sobrinhos pelos infinitos sorrisos, abraços, beijos e demonstrações de carinho que somente crianças sabem dar, eles são o que tenho de mais precioso e sempre me revigoram as forças.

Gostaria de agradecer ao meu querido professor orientador doutor Clerton Martins, que com seu árduo empenho e competência, me formou e me encorajou a explorar o meu potencial.

Expresso aqui a minha profunda gratidão ao meu querido amigo, companheiro e noivo, Pedro Lindenberg, pelo suporte nos momentos mais difíceis, pela presença alegre e motivadora e pela valiosa ajuda nas gravações, filmagens e edições do material do campo.

Quanta gratidão tenho por cada sujeito de minha pesquisa. A todos meus sinceros agradecimentos.

Também gostaria de manifestar a minha gratidão ao meu competente parceiro de dança e bom amigo há quase uma década Ítalo Brasil. Sem ele não teria sido possível o meu aprofundamento na rica experiência de dançar a dois.

Ao grupo maravilhoso do laboratório Otium, cujas contribuições valiosas e únicas enriqueceram meu processo pessoal e profissional. Agradeço especialmente aos ICs Marlo Renan e Wellington Júnior pelas pessoas incrivelmente prestativas que são.

A minha profunda gratidão aos amigos e companheiros de luta, mestrandos Dorinaldo Junior, Selena Teixeira e Fernanda Marinho, que comigo começaram e comigo terminarão esse percurso, sempre prestando apoio e amizade.

Gostaria de expressar a minha imensa gratidão aos sujeitos idosos dançantes que participaram desta pesquisa compartilhando suas experiências inigualáveis na dança a dois e na vida.

Agradeço ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade de Fortaleza (PPG-Psi) pela atenção, competência e carinho dos professores e colaboradores.

Agradeço também, a Bel (C.A. Psicologia) que com uma profunda competência e prontidão me concedeu uma ajuda importantíssima cada vez que passava por lá.

Agradeço finalmente à Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico (FUNCAP) e à Universidade de Fortaleza (UNIFOR), que viabilizaram e oportunizaram esta pesquisa.

Ainda Te Amo

Ainda te vejo
a mesma menina,
beleza e graça,
garota crescida
quase mulher,
vestido de quadros,
de pernas tão lindas,
cabelos bem negros
brincando com o vento.
Teus olhos bonitos,
tristes, escuros,
mostram amor,
meiguice, bondade
e muita saudade.
Descobrem segredos
daquela menina
de pernas tão lindas,
cabelos bem negros
brincando com o vento.
Em arroubos de sonhos
entramos na vida.
Juntos amamos,
sofremos, vencemos.
A marca do tempo
que mora em teu rosto
o torna mais lindo.
Traz-me lembranças
daquela menina
de pernas tão lindas,
cabelos bem negros
brincando com o vento.

José Vasconcelos (Murici)

(uma entre tantas declarações de amor
que o meu querido avô Murici fez para a
minha vó Dizinha)

Resumo

O Brasil tem-se destacado pela longevidade de sua população, que envelhece em ritmo crescente, deixando de ser, gradativamente, um País de jovens. A principal motivação para a escolha da temática do idoso como objeto de estudo partiu da enorme curiosidade acerca dos aspectos importantes para a vivência da fase idosa de forma qualitativa e digna numa sociedade em que prevalece o consumismo e a negação da velhice. Partindo-se dessas informações, o estudo tem como principal objetivo investigar os significados atribuídos pelos idosos à experiência de dançar a dois, proporcionada pela dança de salão. O método escolhido para esta investigação é o Heurístico, de autoria de Clark Moustakas, e refere-se a um processo de pesquisa por meio do qual se descobre a natureza e o significado da experiência. Para os participantes da pesquisa, a dança funcionou como um gancho que os puxou para a vida em uma fase marcada por perdas em vários sentidos. Por meio do corpo envelhecido em movimento e do encontro com o outro, os participantes da pesquisa sentiam que ainda gozavam de beleza, e de uma sexualidade que ainda estava viva, acesa. Esses idosos sentiam, a cada vez que dançavam a dois, a chama do amor próprio e da autoconsideração positiva reacender.

Palavras-chave: Dança de salão. Idosos. Experiência.

Abstract

The Brazil has stood out for the longevity of its population, aging in growing pace, failing to be, gradually, a young Country. The main motivation for the choice of the elderly theme as study object came from the enormous curiosity about the important aspects for the living of the elderly phase in a qualitative and dignified way in a society in which prevails the consumerism and the denial of old age. From these information, the study's main objective is to investigate the meanings assigned by the elderly to experience to dancing the two provided by ballroom dancing. The method chosen for this research is the heuristic, authored by Clark Moustakas, which refers to a research process through which can be discovered the nature and the meaning of experience. For the participants, the dance functioned as a hook that pulled them to life in a phase marked by loss in several ways. Through the aging body in motion and the encounter with the other, the survey participants felt that still enjoyed beauty, and a sexuality that was still alive, lit. These seniors felt each time that they danced to two, the flame of self-love and positive self-consideration rekindle.

Keywords: Ballroom dancing. Elderly. Experience.

Lista de Ilustrações

Figura 1	Lugar da Intuição.....	64
Figura 2	Clube Náutico.....	70
Tabela 1	Informações Gerais do Casal 1.....	71
Tabela 2	Informações Gerais do Casal 2.....	72
Tabela 3	Informações Gerais do Casal 3.....	72
Figura 3	Casal 1 – O Prazer da Dança!.....	82
Tabela 4	Sentimentos e Sensações Expressos pelo Casal 1.....	91
Figura 4	Casal 2 – A Alegria de Viver!.....	92
Tabela 5	Sentimentos e Sensações Expressos pelo Casal 2.....	98
Figura 5	Casal 3 – Ensino para a Vida!.....	100
Tabela 6	Sentimentos e Sensações Expressos pelo Casal 3.....	108
Figura 6	Salão da Vida.....	118

Lista de Abreviaturas e Siglas

ACP	Abordagem Centrada na Pessoa
CEP	Comitê de Ética e Pesquisa
CLAVES	Centro Latino-Americano de Estudos de Violência e Saúde Jorge Careli
CNS	Conselho Nacional de Saúde
FIOCRUZ	Fundação Oswaldo Cruz
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
INSS	Instituto Nacional do Seguro Social
MPS	Ministério da Previdência Social
OCDE	Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico
OMS	Organização Mundial da Saúde
OTIUM	Laboratório de Estudos sobre Ócio, Trabalho e Tempo Livre
PPG-PSI	Programa de Pós-Graduação em Psicologia
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
EU	União Europeia
UNIFOR	Universidade de Fortaleza
VRPPG	Vice-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação
WHO	<i>World Health Organization</i>

Sumário

1	INTRODUÇÃO.....	15
2	CONTEMPORANEIDADE E ENVELHECIMENTO.....	21
	2.1 Notas sobre a Sociedade Contemporânea.....	22
	2.2 O Envelhecer na Contemporaneidade.....	25
3	ENVELHECIMENTO, UMA PERSPECTIVA POSITIVA.....	30
	3.1 Concepções Positivas acerca do Envelhecimento.....	31
	3.2 Envelhecer com Dignidade.....	36
4	SOBRE A DANÇA.....	39
	4.1 A Dança de Salão.....	42
	4.2 O Corpo Envelhecido e a Dança de Salão.....	46
5	A ARTE DA DANÇA A DOIS: UMA EXPERIÊNCIA DE VIDA.....	51
6	MÉTODO.....	57
	6.1 Método Heurístico: Conceitos e Técnicas.....	59
	6.2 Cenário da Pesquisa.....	71
	6.3 Participantes da Pesquisa.....	72
	6.4 Coleta de Dados.....	74
	6.5 Organização e Análise de Dados.....	79
	6.6 Procedimentos Éticos.....	83
7	DANÇANDO NO SALÃO DA VIDA: DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS.....	84
8	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	112
9	SÍNTESE CRIATIVA.....	116

REFERÊNCIAS.....	120
APÊNDICES.....	129
APÊNDICE A - Roteiro de Entrevista Não Estruturada.....	130
APÊNDICE B - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).....	131
ANEXOS.....	137
ANEXO A – Parecer Consubstanciado CEP UNIFOR.....	138

1 Introdução

A contemporaneidade é descrita como um tempo marcado pela velocidade das mudanças econômicas, tecnológicas, culturais e do cotidiano. A vivência do homem contemporâneo, imerso nesse constante presente, igualmente se traduz no culto ao corpo jovem como um valor, um bem a ser adquirido por meio das mais variadas práticas. A instantaneidade passa a ser vivida com grande intensidade na experiência desse homem com seu mundo (Bauman, 1998). A abolição do tempo pode até mesmo significar seu congelamento em alguma de suas formas de expressão, a fim de que seus rastros não provoquem o efeito tão conhecido por nós: envelhecer o que quer que seja por onde passa (Bauman, 1999).

Pensando a nossa realidade, o Brasil tem-se destacado pela longevidade de sua população, que envelhece em ritmo crescente, deixando de ser, gradativamente, um País de jovens. Obtidos a partir da transição demográfica em curso e da participação cada vez maior dos idosos na composição da população, os dados do relatório *Síntese de indicadores sociais* do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2012) refletem o forte processo de envelhecimento da população brasileira. Os estudos apontam que, de 2001 para 2011, aumentou de 14,5 para 18,6 a quantidade de pessoas de 60 anos ou mais de idade para cada grupo de 100 pessoas em idade potencialmente ativa. Outro indicador que reflete características do envelhecimento populacional é o índice de envelhecimento, medido pela razão entre o número de pessoas de 60 anos ou mais de idade para cada 100 pessoas de menos de 15 anos de idade. No Brasil, esses números se elevaram de 31,7, em 2001, para 51,8, em 2011.

Um fator igualmente relevante nesse contexto é a esperança de vida, que segundo o IBGE (2012) consiste no número médio de anos que um recém-nascido esperaria viver se estivesse sujeito a uma lei de mortalidade. Em nosso País esse índice subiu de 74,08 anos, em 2011, para 74,6 anos, somente no ano de 2012. O conceito esperança de vida foi apontado como um indicador indireto que influencia a qualidade de vida dos indivíduos.

O IBGE (2012) divulgou também os resultados das Tábuas Completas de Mortalidade, usadas pelo Ministério da Previdência Social (MPS) como um dos parâmetros para determinar o fator previdenciário nas aposentadorias pelo Instituto Nacional do Seguro Social (INSS), cujo desconto se elevou com o aumento da esperança de vida. Nesse caso, é válido considerar se diante das impactantes transformações demográficas estão também se sucedendo profundas mudanças socioeconômicas.

A falta de planejamento das nações, notadamente as de terceiro mundo, para se adaptar a nova realidade demográfica, pode produzir graves consequências, consideradas até dramáticas em um futuro próximo. Papaléo, Yuaso e Kitadai (2005) utilizam o termo “revolução de longevidade” ao se referirem ao fenômeno demográfico do século XX, justificando o seu emprego com a projeção do número de indivíduos com idade igual ou superior a 60 anos, que será de 32 milhões para o ano de 2025 no Brasil. Faz-se necessário afirmar que o referido aumento da longevidade não se deve a uma melhora da situação socioeconômica, mas especialmente aos avanços tecnológicos obtidos no campo da medicina.

O aumento nos índices de melhoria dos estilos de vida associado à modernização das tecnologias médicas possibilita retardar ou evitar a instalação de

transtornos e doenças incapacitantes. Nesse sentido, a incapacidade, a morbidade e a longevidade estão entre os principais assuntos de interesse das pesquisas recentes (Neri, 2007).

Vale ressaltar que a constituição de um saber específico sobre o corpo na fase idosa é recente – data do início do século XX o nascimento da geriatria e da gerontologia. O interesse científico em relação à velhice permaneceu, por muitos anos, restrito à tentativa de se explicar as causas do envelhecimento e se identificar possíveis métodos para retardá-lo. Isso pode ser justificado pelo fato de o corpo envelhecido ser visto como um sinal do declínio da energia vital do corpo humano, desgastado pela ação do tempo. Dessa maneira, até então o envelhecer constituía o irremediável destino humano, sem muitas opções de medidas terapêuticas aplicadas ao idoso (Correa, 2009).

Assinale-se que o discurso científico produzido sobre o corpo envelhecido, frequentemente fundado em pressupostos processos biológicos universais, estimula o aparecimento de modos de produção sobre o corpo do idoso descolados de um contexto sócio-histórico (Correa, 2009). Grande parte dos avanços nessa área refere-se a estudos e a enunciados que não priorizam a escuta desse público. A meu ver, esse fato relaciona-se com os aspectos culturais de uma sociedade capitalista ocidental que não valoriza o idoso e os ensinamentos que o avanço da idade pode proporcionar.

Vale frisar que o público em tela, em sua maioria, não é visto como integrante da classe economicamente ativa, acarretando, ao contrário, prejuízos aos cofres públicos, considerando-se os aspectos previdenciários. Doutro modo, não entraria na pauta dos interesses do Governo e não seria prioridade na elaboração de

políticas públicas que o privilegiem, o que se prova com a tardia elaboração da *Lei nº 10.741, de 1º de outubro de 2003* (Estatuto do Idoso, 2003).

Diante de tais considerações, a principal motivação para a escolha da temática do idoso como objeto de estudo partiu da enorme curiosidade acerca dos aspectos importantes para a vivência da fase idosa de forma qualitativa e digna numa sociedade em que prevalece o consumismo e a negação da velhice. A escolha do público em questão também é justificada pela convivência constante com pessoas idosas que esbanjam saúde, disposição e atitude positiva diante da vida nos bailes de dança de salão, que tornou inevitável sua comparação com muitos sujeitos jovens que apresentam características opostas.

Mergulhada em um contexto familiar marcado pela longevidade saudável e percorrendo uma trajetória profissional de atendimento a idosos que sofreram violência no interior do estado do Ceará, deparei com diversos questionamentos a respeito do que seria necessário para se viver a fase idosa com qualidade e dignidade. Vale ressaltar que a minha inserção e participação no Laboratório de Estudos sobre Ócio, Trabalho e Tempo Livre (OTIUM) do Programa de Pós-Graduação de Psicologia da Universidade de Fortaleza (UNIFOR) também contribuiu significativamente para a escolha do público em questão, considerando o destaque e o aprofundamento de estudos acerca do envelhecimento. Além disso, tenho me dedicado ao estudo e à prática profissional da dança de salão e ao ballet clássico. A minha inserção na dança e, em especial, na dança de salão, influenciou fortemente na escolha do tema.

Com base em tais motivações e considerando-se a realidade em que os sujeitos idosos estão imersos, a relevância deste estudo pauta-se por contribuir com

informações que possam refletir em reformulações culturais sobre a fase idosa, mantendo e respeitando o compromisso ético com a dignidade da vida.

Também nesse sentido, avaliar estratégias que promovam a dignidade de vida dos idosos mediante uma escuta sensível acerca da prática da dança pode acarretar mudanças de atitude e produzir possíveis benefícios para a saúde dos mesmos.

Salienta-se, ainda, a relevância deste estudo para a Psicologia, por sua natureza aplicada, visto que a aplicação prática dos conhecimentos obtidos em uma determinada realidade é mais presente do que o simples desenvolvimento de teorias de valor universal (Gil, 2008).

Partindo-se dessas informações, o problema posto para esta investigação consiste na seguinte questão: que significados os idosos atribuem à experiência de dançar a dois proporcionada pela dança de salão? Tal problemática contempla o seguinte objetivo geral: investigar os significados atribuídos pelos idosos à experiência de dançar a dois proporcionada pela dança de salão. O referido objetivo desdobra-se nos seguintes objetivos específicos: compreender as repercussões da relação de parceria na harmonia da dupla de idosos na dança de salão; pesquisar como se deu o envolvimento dos idosos com a arte da dança ao longo de suas vidas; e identificar os benefícios da prática da dança de salão na vida dos idosos.

Vale salientar que a nomenclatura “idoso” destina-se a designar pessoas com idade igual ou superior a 60 anos e será evidenciada ao longo deste estudo. A Organização Mundial da Saúde (OMS) utiliza o termo “idoso” para se referir às pessoas que se enquadram nessa faixa etária, classificando-as, no entanto, geograficamente. Assim, são idosos os indivíduos com idade igual ou superior a 60

anos que habitam os países em desenvolvimento, e a 65, nos países desenvolvidos. Ao se tratar do Brasil, as considerações da OMS (1946) deverão basear esta pesquisa.

Em paralelo ao que estabelece a Organização Mundial da Saúde (OMS), a legislação brasileira, ao instituir o Estatuto do Idoso (*Lei nº 10.741, de 1º de outubro de 2003*), regulamentou os direitos assegurados a pessoas com idade igual ou superior a 60 anos. Por se tratar de um público diferenciado cujo tratamento exige leis próprias, pretende-se também adotar como referência a mesma faixa etária e a mesma nomenclatura instituída pelo Congresso Nacional.

Busco, com este estudo, contribuir significativamente para a produção científica dessa área de conhecimento, principalmente com base na crença de que, com seu ritmo próprio, o idoso é capaz de desenvolver métodos de enfrentamento das condições impostas pela velocidade do mundo contemporâneo que serão abordadas a seguir.

2 Contemporaneidade e Envelhecimento

Eu não tenho tempo de ter
O tempo livre de ser
De nada ter que fazer
É quando eu me encontro perdido
Nas coisas que eu criei
E eu não sei
Eu não vejo além da fumaça
O amor e as coisas livres, coloridas
Nada poluídas.
(Paralamas do Sucesso, 1998)

A música Capitão de Indústria da banda Paralamas do Sucesso ilustra bem aspectos importantes da sociedade contemporânea. Valores de uma sociedade em que não se tem mais tempo de contemplar, conviver ou experienciar. Na relação com a dimensão temporal, algumas consequências colocam-se à frente, pois é cultivada a ideia de que utilizar o tempo numa perspectiva subjetiva é, na realidade, “perda de tempo”.

Nesse caso, a velhice encontra-se intimamente ligada a essa questão, porque o idoso dispõe de muito “tempo vago” no seu cotidiano, por força da crença, ainda vigente na atualidade, de que a aposentadoria pode significar o fim das atividades laborativas, o momento a partir do qual o idoso deixa de produzir mais-valia.

Considerando essa realidade, para uma melhor compreensão dos significados do envelhecer na sociedade atual, é necessário um entendimento dessa mesma sociedade, trazendo à tona os atributos que acarreta. É em uma imersão nos valores e modos de vida contemporâneos que se pode discorrer sobre as experiências dos idosos, que se encontram profundamente afetados e impregnados por essa realidade.

2.1 Notas sobre a Sociedade Contemporânea

O cenário contemporâneo é marcado pela aceleração dos acontecimentos, nos quais as emoções e sensações são experimentadas momentaneamente, o que enfraquece as vivências sociais e/ou possíveis experiências. Em consequência disso, proliferam almas modernas angustiadas e frágeis. Encontramo-nos diante de novos processos de subjetivação marcados pelo consumismo e pelo individualismo (Pinheiro, Rhoden, & Martins, 2010).

Sobre isso Bauman (2014) acrescenta que a sociedade contemporânea é fortemente individualizada, conjecturando que cada indivíduo é responsável pela própria vida em um ambiente de incertezas e instabilidades prolongadas tanto em nível profissional, devido à flexibilidade dos mercados de trabalho, quanto em nível pessoal, referindo-se à fragilidade generalizada dos vínculos e parcerias. Segundo o autor, esses altos níveis de insegurança produzem sensações como as de ignorância, por não se saber o que o futuro apresentará, e impotência, pela incapacidade de se influenciar seu curso. Nessa roda viva de incertezas existenciais evidencia-se uma renovada preocupação com as garantias para com o futuro e consequentemente com a velhice.

Já Lipovetsky & Charles (2004) consideram que a modernidade foi elevada à potência superlativa ao trazer consigo o hipercapitalismo, a hiperclasse, o hiperterrorismo, o hiperindividualismo, o hipermercado e vários outros “hiper”, numa cultura do excesso que tem como sintoma uma vulnerabilidade psicológica. Trata-se de uma temporalidade em que há um destaque na obrigação do movimento, da hipermudança em uma aceleração constante. Nessa lógica, a sociedade mercadológica se fortalece e impõe a privatização da religião e da família, assim como a recua do Estado em diversas áreas. Sobrepõe-se uma modernidade globalizada e desregulamentada alicerçada em três pontos fundamentais: a eficiência técnica, o mercado e o indivíduo.

Corroborando esse entendimento Beriain (1997) aponta a atualidade como uma época de aceleração das vivências em um horizonte de movimento que continuamente excede a si mesmo. A consequência disso é uma constante problematização e foco da ação futura, em uma abertura a uma novidade sem fim. O autor caracteriza a contemporaneidade como uma Nova Era onde uma novidade que envelhece é imediatamente substituída por uma novidade mais nova, desencorajando a atividade ao mesmo tempo em que a impõe como forma de vida.

Lipovetsky & Charles (2004) chamam esses tempos atuais de tempos hipermodernos e os caracteriza como uma época de preocupações exageradas com o porvir. Para os autores, sobre os ideais hedonistas e imediatistas foi sobreposta a ideologia da longevidade e da saúde, na qual proliferam preocupações com o prever, o projetar e o prevenir. Em nome disso, a medicina não se contenta mais somente em tratar a doença, intervindo antes mesmo de ela vir a se manifestar, prevenindo, monitorando e modificando os estilos de vida dos indivíduos. Nessa lógica, as pessoas abnegam de satisfações imediatas e reorientam seus

comportamentos cotidianos, atitudes que ilustram o declínio da cultura do *carpe diem*¹ sob a pressão de normas de prevenção da saúde exercidas pela Medicina.

Ao refletir sobre essa nova racionalidade médica, Golse (2001) considera que não atribui importância à subjetividade, pois adquire um caráter normativo na medida em que o campo da Saúde Pública assume um papel institucional. A autora interpreta que os programas de educação promovidos pelo governo, embora voltados para a promoção da saúde, pautam-se por uma ideologia individualista e normativista.

Essa lógica da promoção da saúde acaba por fortalecer a rede produtiva do campo da saúde, ocasionando a produção preventiva e/ou reativa da não morte. Ocorre que a expansão da saúde como um negócio levou ao que se chama de "mais saúde", consistente na oferta significativa de serviços destinados a consumidores que se encontram saudáveis, mas que poderiam estar ainda mais, ensejando a disseminação da mentalidade da autopreservação do corpo (Lefevre, F. & Lefevre, A., 2007b).

Nesse sentido, há uma valorização da juventude, cuja promessa passa a ser considerada um dos dispositivos de um mercado de consumo crescente. A tão almejada juventude é desassociada da faixa etária que lhe é específica e é associada a estilos e valores de vida. Porém, se o rejuvenescimento tornou-se um mercado de consumo, a velhice fica deslocada, sem lugar. A decadência inevitável do corpo passaria, portanto, a ser encarada como falta de cuidado pessoal dentro dessa lógica (Lefevre, F. & Lefevre, A., 2007a).

¹ *Carpe diem* (2015) é uma expressão latina que significa *colhe o dia, aproveita o momento*. Foi usada pelo poeta latino Horácio (65 a.C.- 8 a.C.), que na linha do epicurismo, exorta a sua amiga Leuconoe a aproveitar o presente, antes que este seja passado, pois a vida é breve, a beleza perecível e a morte uma certeza.

Debert (2002) compartilha essa opinião e enxerga a juventude como um bem a ser conquistado no contexto contemporâneo. Para o autor, atualmente a velhice se tornou uma questão de negligência daqueles que, por escolha individual, não aderiram a atividades motivadoras e não desfrutaram de serviços e produtos que combatem os efeitos da idade. O processo de envelhecimento transformou-se em sinônimo de descuido diante de inúmeros recursos e tecnologias existentes para se prevenir ou combater os sinais do tempo.

Vive-se na contemporaneidade um presente apreensivo e assombrado pela deterioração da passagem do tempo numa constante corrida para adiante da qual nenhuma faixa etária parece esquivar-se (Lipovetsky & Charles, 2004). Diante disso, verifica-se a importância de se refletir sobre a pessoa idosa inserida nesse ritmo, considerando-se que se encontra em um período da vida perpassado pela finitude.

2.2 O Envelhecer na Contemporaneidade

Na atualidade, o envelhecimento vem acompanhado de transformações sociais, cujos efeitos têm a possibilidade de influenciar de forma negativa o modo de vida dos sujeitos que envelhecem (Lefevre, F. & Lefevre, A., 2007a).

O que se observa, com cada vez mais frequência na literatura em geral, acerca do processo do envelhecer contemporâneo, é o caráter da responsabilização individual do sujeito pelo seu próprio processo de tornar-se velho. Ilustrando essa assertiva Moreira e Nogueira (2008) acrescentam que:

A experiência do envelhecimento tende a ser vista como uma opção individual, um estilo de vida frente a um leque variado de produtos e serviços, e não mais como uma vivência inevitável do passar dos anos.

Envelhecer constitui-se em uma luta contra a própria velhice, que culmina na adoção de práticas maníacas que dão a sensação de restaurar a juventude perdida, na busca incessante por impedir o “inevitável”.

No mesmo sentido Silva (2009) ainda acrescenta que:

O primeiro aspecto que se destaca na observação da identidade da terceira idade é o seu nítido e acentuado caráter individual. A terceira idade parece ser entendida pelos sujeitos que a ela se identificam como uma opção de vida, um estilo ao qual podem aderir se lhes parecer conveniente e satisfatório.

É válido ressaltar que, como colocam Sousa, Minayo, Ximenes e Deslandes (2002), a preocupação com os estilos de vida da população idosa é benéfica, uma vez que se sabe da sua repercussão na prevenção ou no tratamento de muitas enfermidades. No entanto, esse é somente um dos elementos dentro de um conjunto de fatores interferentes na saúde dos indivíduos, como as condições de existência, a assistência médica e o ambiente, que muitas vezes não são levados em consideração.

Ora, na sociedade ocidental contemporânea, as circunstâncias induzem os idosos a ter que lidar com seus problemas de forma solitária, impondo-lhes que se associem a grupos de autoajuda ou encontrem outra alternativa se quiserem contar com alguém para dividi-los. A depressão acaba por se apresentar como um perigo constante, diante de um leque de doenças que os assombram nessa fase de suas vidas. Afinal, é difícil esquivar-se desse destino quando, além das perdas próprias do processo de envelhecimento, os idosos têm de lidar com os discursos do

governo acerca do peso que as aposentadorias e pensões representam na economia, com os fortes apelos da mídia para esconder os sinais da idade como rugas e cabelos brancos, e com a hostilidade dos transportes públicos e da estrutura urbana, que não facilitam o trânsito dos mesmos, na grande maioria dos países de terceiro mundo (Whitaker, 2007).

Moreira e Nogueira (2008) consideram que a tecnologia e a ciência parecem estar em função de uma civilização que deseja se distanciar da morte e viver a juventude eternamente. Para as autoras, tal fato produz um paradoxo: por um lado, a sociedade empenha seus esforços em vista do aumento da esperança de vida, e por outro, não se prepara para amparar e delimitar um espaço para os que envelhecem. No século XXI o envelhecer se caracteriza como uma experiência bastante diferenciada do que era até então.

O que se vivencia, portanto, é o que Whitaker (2007) denominou de “padrões de ocultamento dos processos naturais”. A autora, professora universitária aposentada, doutora em sociologia e renomada pesquisadora, ainda acrescenta:

Uma sutil e inescapável pressão social nos empurra para esses padrões e nos fazem *[sic]* perder a auto-estima, na medida em que nos sentimos desvalorizados por não alcançar os patamares prevaletentes de “juventude”. Não temos mais o direito de exibir nossas rugas tranquilamente, como fazem as velhas árvores. (p. 75).

Inserido em tal contexto, em uma fase de maior vulnerabilidade física e mental, o idoso tende a manter um estilo de vida que o leva a um isolamento social e emocional. Aliadas a isso, ressaltam-se as transformações físicas e intelectuais

intrínsecas ao processo de envelhecimento, que podem acarretar consideráveis mudanças na personalidade, assim como produzir sentimentos de insegurança, medo e tensão. A fase idosa da existência humana sem dúvida envolve processos de adaptação, pois remete à forma como o idoso se enxerga e como é visto e percebido pelos outros. O que faz diferença para que tais processos sejam mais ou menos sofridos diz respeito à forma como se identificam com as representações sociais e os estereótipos existentes (Altman, 2011).

Goldfarb (1998) ainda acrescenta que a questão decadente da velhice é mais percebida pelo olhar do outro do que pelo próprio sujeito que envelhece. O outro passa a ser aquele que aponta o envelhecimento deste. O sujeito idoso é, portanto, influenciado a representar o que é por meio da visão que o outro tem dele mesmo.

Ocorre que, muitas vezes, os estereótipos sobre a velhice ressaltam aspectos negativos e dificultam que as pessoas idosas sejam elas mesmas (Altman, 2011). Esse fenômeno pode gerar padrões de comportamento baseados em uma incapacidade que é aprendida, que afeta diretamente e de forma negativa a autoestima dos idosos. Tal padrão de comportamento pode resultar na perpetuação de estereótipos negativos, na adoção de atitudes agressivas ou na perda de controle da própria vida (M. Baptista, comunicação pessoal, 22 janeiro, 2013).

Como ilustração, Altman (2011) menciona o exemplo de um paciente idoso em um processo terapêutico que relata se sentir desvalorizado ao perceber que a maioria das atividades para sua faixa etária que encontrava se assemelhava a recreação infantil. Em minha concepção, considerações dessa natureza denunciam não somente a perda da autoestima do público idoso, mas da sua dignidade de vida.

Considerando esses fatores, posso inferir que o modo como a sociedade, de forma geral, enxerga e trata os idosos pode influenciar significativamente na sua qualidade de vida e autoestima. Por isso a necessidade, cada vez mais recorrente, de se educar essa mesma sociedade para acolher esse “novo” ator social, pois nunca na história existiram tantas pessoas longevas.

3 Envelhecimento, uma Perspectiva Positiva

No contexto contemporâneo, os estudos sobre o processo de envelhecimento mencionam com mais frequência os aspectos negativos do que os ganhos associados a essa fase, a exemplo da sabedoria, mais habilidade e experiência nas relações interpessoais, entre outros. Tal realidade é justificada pela crença de que as perdas ocorrem somente na velhice, restringindo-se os ganhos às fases iniciais do desenvolvimento. Porém, é válido ressaltar que em todas as etapas da vida ocorrem perdas e ganhos diversificados (Luz & AmatuZZi, 2008).

Destacam-se, a título dessas compensações, dados de uma pesquisa brasileira sobre solidão e bem-estar na velhice que investigou as relações entre condições de vida, características das relações pessoais, sentimentos de solidão, bem como o bem-estar subjetivo em mulheres idosas que residem sós. Obteve-se que 75% delas não se consideram isoladas e atribuem seu bem-estar à capacidade de usufruir de mecanismos compensatórios como atividades laborais e sociais (Neri, 2007).

Estudos como esse rejeitam estigmas como os de que os idosos são infelizes, doentes, abandonados ou incapazes de gerenciar a própria vida. Como exemplo disso, Luz e AmatuZZi (2008) relatam um estudo brasileiro que buscou descrever (considerando aspectos cognitivos e emocionais) como se dão as vivências de felicidade de pessoas idosas. Tal estudo concluiu que as vivências de felicidade na velhice estão relacionadas principalmente ao bem-estar em família, à possibilidade de realização de atividades laborais por prazer, à espiritualidade e à manutenção de uma rede de relações sociais.

À luz dessas informações, que demonstram que é possível a vivência de uma velhice feliz, trago algumas concepções positivas encontradas na literatura acerca dessa fase da vida, assim como a evolução de alguns desses conceitos.

3.1 Concepções Positivas acerca do Envelhecimento

Na gerontologia, a conceituação de velhice bem-sucedida foi proposta inicialmente por Havighurst somente na década de 1960, como resultado da participação dos idosos em atividades associadas à satisfação, interação social e conservação da saúde. O surgimento desse conceito representou o marco de uma mudança ideológica importante nos estudos do envelhecimento, assim como um incentivo às investigações sobre aspectos positivos ligados à velhice e sobre a capacidade de desenvolvimento nessa fase (Silva, Lima, & Galhardoni, 2010).

Para Silva et al. (2010), o conceito de velhice bem-sucedida adquiriu uma nova conotação no fim da década de 1980 e na década de 1990, passando a ser representado por dois modelos teóricos: o de Baltes, P e Baltes, M (1990), que sugeriram o modelo teórico de *Seleção, Otimização e Compensação (SOC)* representando as possibilidades de plasticidade funcional e comportamental no cenário das ciências psicológicas, e o de Rowe e Kahan (1998), com base nos dados do estudo norte-americano *MacArthur Foudation Study*.

O primeiro modelo se baseia na crença de que os idosos que conseguem se servir de mecanismos de regulação e compensação das perdas vinculadas ao processo de envelhecimento conseguem alcançar a velhice bem-sucedida. Já o segundo propõe fatores principais para um envelhecimento bem-sucedido, que consistem na interação com a vida, na preservação de elevados níveis de

habilidades cognitivas e funcionais e na baixa probabilidade de doenças proporcionada por comportamentos saudáveis (Silva et al., 2010).

Paralelamente aos modelos destacados, considerando-se o advento do envelhecimento demográfico, a substituição progressiva na Europa do Estado Providência pelo modelo de Estado Social Ativo e o surgimento do paradigma do “envelhecimento positivo”, fundamentado de forma parcial por uma cultura de “anti-envelhecimento”; surgiu o discurso do “envelhecimento ativo” (José & Teixeira, 2014).

A esse respeito, algumas organizações supranacionais se manifestaram. A Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) tentou dar conta do Envelhecimento Ativo como um processo restrito à categoria da responsabilidade individual, pois se trata da capacidade individual dos idosos de realizar atividades e escolhas de vida produtivas como ler, trabalhar, participar de momentos de lazer e de cuidados com a saúde. Essa organização considera atividades produtivas tanto as de caráter econômico quanto as de cunho social (José & Teixeira, 2014; OECD, 2000).

Já a compreensão de Envelhecimento Ativo da União Europeia (UE) atribui uma maior importância à dimensão econômica. Essa mesma organização se refere ao Envelhecimento Ativo como um ajustamento de práticas decorrente do aumento da esperança de vida, como a manutenção de estilos de vida mais saudáveis e o engajamento em atividades produtivas que incluem uma atividade laboral mais duradoura, o adiamento da aposentadoria e a manutenção laboral depois da aposentadoria. Porém, tal concepção não exclui a responsabilidade coletiva de

promoção de direitos e iguais oportunidades para as pessoas idosas (José & Teixeira, 2014).

A Organização Mundial da Saúde (OMS), por sua vez, considera que “envelhecer ativamente” é também uma responsabilidade individual e acrescenta que as pessoas podem ser ativas em múltiplas áreas à medida que envelhecem. Essa concepção de “envelhecimento ativo” rejeita de forma clara a ligação de “ativo” a “fisicamente ativo” ou a “economicamente produtivo”. Na perspectiva da OMS, o envelhecimento ativo implica a adoção de “atividades multidimensionais”, a exemplo de “atividades mentais e físicas” e/ou “atividades produtivas e não produtivas” (as práticas espirituais também estão incluídas no âmbito das atividades não produtivas). Vale salientar que a OMS enxerga que a participação social deveria ocorrer em concomitância com os desejos, necessidades e capacidades, de forma a excluir o imperativo de moldes que não acatem a singularidade dos indivíduos em tela (José & Teixeira, 2014; World Health Organization, 2002).

Aliada a esses conceitos, nas últimas décadas a qualidade de vida tem sido um dos centros de atenção das autoridades, assim como da população em geral. Também passou a ser centro de atenção para negócios, publicidade, comércio de medicamentos, empreendimentos e cursos (Rolim & Forti, 2009).

O termo qualidade de vida utilizado na literatura médica não vem acompanhado somente de um significado. Mais especificamente, as expressões qualidade de vida, saúde e estado subjetivo de saúde têm como pilar a avaliação subjetiva do indivíduo, tornando-se termos afins. Tais termos estão associados necessariamente às consequências do estado de saúde sobre a aptidão do indivíduo de ter uma vida plena (Fleck et al., 1999).

Nesse sentido, a mensuração da qualidade de vida depende da interpretação que o sujeito atribui aos eventos e fatos e é cada vez mais reconhecida como uma avaliação fortemente dependente da subjetividade da pessoa. A mesma contingência de perda - uma cegueira, por exemplo - não será encarada da mesma forma por diferentes sujeitos pelo fato de os mesmos atribuírem importância emocional distinta à visão (Xavier, Ferraz, Marc, Escosteguy, & Moriguchi, 2003).

Porém esse conceito depende do grupo populacional a que se destina. Tratando-se do público idoso, Sousa, Galante e Figueredo (2003) retratam que a boa qualidade de vida tem sido relacionada a fatores como autonomia e independência, considerando-se que a dependência é resultado das incapacidades biológicas e de alterações nas exigências sociais (desvantagens). Os autores ressaltam ainda que comumente essas desvantagens sociais parecem determinar as incapacidades biológicas.

Exemplificando, a OMS (Organização Mundial de la Salud, 2001) coloca que a estrutura física do lugar onde o idoso habita pode determinar a dependência ou não desse indivíduo. Acrescenta ainda que idosos inseridos em um contexto violento, no qual não podem ir caminhando com segurança à casa de vizinhos, ao parque e/ou tomar o transporte local, estão mais propensos ao isolamento e à depressão.

Sobre isso, Xavier et al. (2003) complementam afirmando que a prevalência da boa qualidade de vida na velhice deriva de fatores emocionais internos e de contingências externas. Dito de outro modo, a vivência de uma velhice agradável depende dos recursos emocionais do sujeito e dos recursos que lhes são oferecidos pelo ambiente, que funcionam como amortecedores diante da intensidade dos

fatores estressantes. A intercessão entre a realidade externa e os sentimentos e opiniões dos idosos sobre essa realidade é chamada de qualidade de vida subjetiva.

Contudo, é de fundamental importância compreender como os próprios idosos definem qualidade de vida. Xavier et al. (2003) retrataram os resultados de um estudo que abrangeu 77 sujeitos com 80 anos ou mais de idade em uma comunidade semirural no Sul do Brasil. Tal estudo objetivou principalmente identificar os domínios que esses indivíduos consideram como determinantes para se obter uma boa qualidade de vida, bem como compreender a avaliação dessas pessoas octogenárias sobre a qualidade da própria vida.

Entre os resultados obteve-se que a saúde geral e a depressão estão mais fortemente relacionadas ao grau de satisfação com a vida dos idosos estudados e que a insatisfação financeira foi um fator relacionado, mas não simultâneo ou determinante de insatisfação. O estudo concluiu ainda que existem vários domínios para obter-se uma positiva qualidade de vida, como boa saúde, bom relacionamento com a família, boa situação socioeconômica e permanecer ativo no sentido de se engajar em atividades, conservando o controle pessoal sobre a vida. E para uma má qualidade de vida os fatores indicativos mais importantes retratados foram a perda da saúde relacionada com a presença de dores, o fato de depender de outras pessoas e/ou a incapacidade de caminhar, por exemplo.

Tais informações dizem algo a respeito dos valores que as pessoas idosas atribuem à vida o que, a meu ver, deve ser levado em consideração na construção do conhecimento científico acerca de questões relacionadas ao envelhecimento. Desse modo, penso que se faz pertinente tecer reflexões sobre o que é necessário para a obtenção de uma velhice digna.

3.2 Envelhecer com Dignidade

Entendendo-se o envelhecimento como um processo multifatorial, torna-se crescente a necessidade de se avaliar estratégias e mecanismos que possam proporcionar à população idosa uma vida com mais qualidade e dignidade (Rolim & Forti, 2009).

Nesse sentido, é necessária a compreensão de que a maturidade também inclui autoconhecimento e aceitação, e de que na velhice há um processo maior de investimento no autoconhecimento, gerando modos mais positivos de apreciação da vida (Sad, 2001). Tal compreensão pode resultar na transformação dos estereótipos negativos acerca do envelhecimento.

Silva et al. (2010) reforçam que a construção de conhecimento sobre saúde, bem-estar e qualidade de vida na velhice deveria considerar que os idosos dispõem de estratégias e recursos internos e externos para enfrentar seus baixos níveis de desempenho e que é preciso que haja uma articulação entre a vulnerabilidade social e as repercussões das condições sociais na trajetória de saúde ao longo da vida.

É preciso desmistificar a ideia de que os idosos são os únicos responsáveis pela condição de saúde que os atinge na velhice, pois essa crença pode gerar uma discriminação advinda da não adoção de hábitos de vida favoráveis no curso de suas vidas. Há, portanto, a necessidade de se priorizar o oferecimento de iguais oportunidades de acesso aos serviços de saúde para o público idoso (Debert, 1999). O envelhecer bem também depende da oferta de recursos externos como educação, urbanização, habitação, saúde, trabalho e família (Moreira, 2012).

Segundo Xavier et al. (2003), a presença de certos fatores externos como uma rede familiar sólida, por exemplo, pode suavizar o impacto de um evento negativo no bem-estar subjetivo dos idosos, apesar de suas características emocionais e físicas também influenciarem significativamente nesse processo. Componentes externos que podem suavizar abalos emocionais na velhice fazem uma real diferença, uma vez que, de acordo com os mesmos autores, a tarefa de recuperação dos fatores estressores é dificultada devido ao efeito cumulativo das perdas. Ocorre que o idoso acaba por sofrer uma perda antes mesmo de se recuperar da anterior.

Nesse sentido, deve-se considerar que a problematização de temas que envolvem o cotidiano dos idosos com vulnerabilidade social pode gerar resultados que privilegiem o seu papel como sujeitos de direitos. Faz-se necessário um esforço coletivo da sociedade para oportunizar a todos o alcance de um envelhecimento saudável e digno (Silva et al., 2010).

Whitaker (2007), ao se referir à trágica morte de um senhor no guichê do INSS depois de passar um dia da fila para uma simples entrega de documentos, assim se pronuncia:

Alguém há de ensinar os burocratas a tratar melhor os idosos, porque, conforme minhas observações, não é no seio da família, mas sim no espaço público, que os idosos encontram realmente grandes dificuldades e hostilidades sem fim. (p. 49).

E acrescenta, indagando: “Por que não se considerar que a velhice realmente não é a etapa mais bela da vida, mas é uma etapa a ser cumprida com dignidade, até mesmo com majestade?” (Whitaker, 2007, p. 88).

Diante disso, posso inferir que o envelhecimento digno tem a possibilidade de se concretizar mesmo em uma sociedade marcada pela cultura do repúdio à velhice, porém, para que isso aconteça, é necessário que haja também profundas transformações políticas e sociais.

Envelhecer com dignidade é também conservar uma velhice repleta de experiências prazerosas, com significados profundos, propiciados pelo exercício do conhecimento de si e do relacionamento com os semelhantes.

4 Sobre a Dança

A experiência do corpo é descobrir o ritmo interno através do qual se pode mobilizar a via de comunicação que há em seu interior. Para isso, o corpo deve ser motivado e, sobretudo, ter um sentido: por que me movo e para quê?

(Fux, 1983, p. 37)

Essa citação chamou-me a atenção porque considero que contém algumas palavras-chave quando se fala no significado da dança: experiência, corpo, ritmo interno, via de comunicação, sentido.

Segundo Guimarães, Simas e Farias (2003), “a dança é a arte do movimento humano, plástica-rítmica, abstrata ou expressiva” (p. 30). Os autores retratam que desde as primeiras civilizações humanas, a dança tem representado uma via de manifestação natural e a base sobre a qual o desenvolvimento humano, de forma integral, foi desencadeado.

Para Miller (2012), “dançar é um registro de vida, de força, expressão, empenho, vontade e paixão” (p.9). Já Vianna (2005), ao definir dança, traz à tona a importância do movimento como via de manifestação do homem, do mundo e da vida. Para ele, “dançar é mover-se com ritmo, melodia e harmonia” (p. 19).

A respeito do ritmo, Fux (1983) afirma que o mesmo está no corpo: na circulação do sangue, na respiração e nos nossos próprios passos. Complementa

com o entendimento de que ao nos movermos de uma forma geral no espaço, para satisfazermos as nossas necessidades básicas, estamos produzindo ritmo, mesmo sem o auxílio da música. Entretanto, o movimento atrelado ao ritmo musical permite uma compreensão geral da música, porquanto é por seu intermédio que o corpo elabora imagens que se comunicam entre si. Sobre isso a autora relata a sua própria experiência:

Aprendi a mobilizar-me no espaço compreendendo a música; a mobilização abre as portas e faz compreender melhor seu sentido, não através da teoria estática, mas de forma global, de modo que a música as vezes se transforma em algo vivo que nos permite senti-la como se a tivéssemos escrito. (p. 52).

A autora fala de sua experiência, dos seus sentimentos, e me parece que é a isso que a dança diz respeito, à experiência. Vianna (1990), renomado autor sobre dança e criador da técnica Klauss Vianna, declarou: “falo sobre coisas que devem ser sentidas e não pensadas” (p. 132). É por meio da dança, uma das formas mais antigas de arte, que o ser humano expressa o seu mundo interior, tornando-o conhecido para o espectador e para si mesmo. Dessa forma, o homem não só apreende as manifestações do universo, mas reage a este mundo mediante uma contínua aproximação com o seu ser mais profundo (Vianna, 2005).

Parece-me que esse caminho para dentro de si mesmo por meio da arte da dança parte também de um conhecimento profundo das sensações do próprio corpo. Miller (2012) ressalta que a atenção em relação à pele, ao estado de tonicidade muscular e à projeção óssea na dança auxilia o indivíduo se tornar um ser mais integrado. Isso ocorre de tal forma que a história de vida de cada um

termina por se inscrever também no corpo. Além disso, por meio do prazer que essa arte possibilita, fluem novos e criativos elementos, proporcionando a expansão dos movimentos corpóreos.

Ainda sobre a questão do autoconhecimento corporal, Neves (2008) aborda a importância da percepção do “tempo do corpo [que] é outro” (p. 17). Para a autora, o tempo de evolução do corpo em nível individual está ligado aos longos períodos necessários para que nossos hábitos de movimento se implementem e as transformações possam ocorrer.

A literatura aponta que essas transformações vão muito além do nível corpóreo e se estendem ao âmbito psicológico. Para Vianna (2005), dançar é uma opção de vida, pois é a forma a partir da qual o homem expressa a sua experiência existencial utilizando o corpo como instrumento.

Para Laban (1990), a dança permite que se retratem as ideias e ansiedades do ser dançante, além de atender a sua grande necessidade de extrapolar ou transcender a sua essência e existência nas possibilidades da vida real.

Aalten (2004) coloca que é exatamente nos momentos de transcendência que ocorrem pontos de pico, no âmbito dos quais a consciência e a ação se fundem, no instante presente. Esse estado de fluidez, em que as técnicas dos movimentos estão em segundo plano, faz surgir novas experiências de arte, denominadas, pelo mesmo autor, de “dançar com a alma” (tradução nossa), constituindo um estado de gozo, alegria e intensa emoção que se atinge ao dançar (Citro, 2011 como citado em Almeida & Pereira, 2013). É esse o atributo que diferencia os bailarinos entre si e é aí que tudo acontece.

Na contemporaneidade, há obstáculos generalizados para se atingir o estado de dançar com a alma no campo da dança, em razão das exigências extremas por modelos de corpos perfeitos, corpos objeto desprovidos de subjetividade (Almeida & Pereira, 2013).

As possibilidades infinitas da sociedade contemporânea geram movimentos ora contínuos, ora descontínuos, que lançam os sujeitos no desatino de produzir movimentos de forma ininterrupta. Na tentativa de não sentir os colapsos provocados pela rapidez da incorporação desses movimentos, os sujeitos têm que inventar um ritmo de sobrevivência (Spindler & Fonseca, 2008). Penso que mediante a arte da dança como a experiência de si em um dançar com a alma, é o sujeito quem dita seu próprio ritmo.

4.1 A Dança de Salão

A dança de salão, uma modalidade de dança exercida por pares, é bastante executada nas academias, nos bailes e salões. Também denominada de dança social, tem como objetivos a diversão, a descontração, a socialização e a desinibição, entre outros (Abreu, Pereira, & Kessler, 2008).

Tal estilo de dança parece ter reaparecido com mais força nos dias atuais por ser uma atividade acessível a qualquer faixa etária ou sexo, pois sua complexidade não a impede de se adequar às habilidades individuais dos praticantes. No que se refere ao ensino da dança de salão, são considerados alguns conteúdos técnicos e outros referentes à etiqueta social (Volp, Deutsch, & Schwartz, 1995).

Ried (2003) apresenta alguns fundamentos e rituais da dança de salão:

- Cabe ao cavalheiro a tarefa de conduzir a dama e à dama a tarefa de ser

conduzida, porém, para o alívio das feministas e emancipacionistas, a passividade da dama é somente aparente. A atitude de conduzir do cavalheiro requer objetividade, determinação, habilidade, domínio técnico e segurança. A dama, por sua vez, ao seguir a condução recebida necessita de emotividade, empatia, sensibilidade e criatividade. Tal relação, longe de se tratar de uma disputa de poder, preza pela cooperação efetiva, almejando um resultado do esforço conjunto.

- No salão, os pares movimentam-se no sentido anti-horário, sendo permitido, ocasionalmente, que o par se dirija ao centro para realizar algumas figuras e depois retorne para as bordas da pista.
- Ao convidar uma dama ou um cavalheiro para dançar, quem o faz deve pedir licença tanto para o pretendido(a) quanto para o(a) acompanhante, e se os mesmos forem desconhecidos, é indispensável que haja a apresentação.
- Nunca se deve convidar para dançar alguém que esteja acompanhado(a) com somente mais uma pessoa na mesa para que este(a) não permaneça sozinho(a).
- Se o cavalheiro convidar a dama para dançar e esta estiver sentada, o mesmo deve assistir o levantar da dama estendendo-lhe a mão, porém sem puxá-la, ao mesmo tempo em que traz a cadeira suavemente para trás, encostando-a de novo à mesa.
- Quando finalizada a dança, o cavalheiro deve agradecer à dama pela honra e conduzi-la de volta ao seu lugar, puxando-lhe a cadeira para que se sente.

Vale ressaltar que a beleza e a estética da dupla na dança também são de

extrema importância, e a postura é parte fundamental de um conjunto de fatores, como entrosamento, expressão corporal e técnica (Gonzaga, 1996). Sobre a postura da dupla na dança de salão, existem alguns ensinamentos básicos indicados pelo mestre Luis Gonzaga (1996), apresentados na sequência:

- Tanto o cavalheiro quanto a dama devem permanecer de postura ereta, com a cabeça para frente e ombros relaxados.
- O cavalheiro deve sobrepor a mão direita nas costas da dama de tal maneira que seus dedos fiquem abertos.
- A dama deve pôr sua mão esquerda sobre o ombro direito do par, também com dedos abertos.
- A mão direita da dama e a esquerda do cavalheiro devem se segurar com as palmas e não com os dedos entrelaçados.
- A distância dos corpos pode variar de acordo com o ritmo dançado, de modo que possam ficar mais próximos, mais distantes, lateralmente ou frontalmente.
- Os cotovelos da dupla devem ficar elevados aproximadamente em um ângulo de 45° em relação ao corpo.

Outra característica importante quando se dança a dois na dança de salão é a harmonia da dupla, que segundo Volp et al. (1995), se expressa no sincronismo entre os movimentos e a música. Quando há harmonia, há uma velocidade que é comum às figuras e às notas musicais, de modo que nas vibrações acentuadas da música, por exemplo, tem-se um peso mais forte na execução dos movimentos, ao passo que nos retardos da melodia, a movimentação torna-se mais contida. A

harmonia da dupla na dança de salão se refere ao equilíbrio em uma teia que interliga o espaço, a música, a expressão e a movimentação.

Na dança de salão a comunicação acontece por meio do corpo, do olhar e do toque do outro, seu próprio espelho. Nesse processo evidencia-se um sentimento de conquista, há todo um movimento dançado a dois, sinal de que a comunicação funcionou. Considerando-se esses aspectos, a interação entre os indivíduos que dançam pode ser extremamente benéfica a partir do instante em que ocorre uma quebra da timidez. Como acrescentam Fonseca, Vechi e Gama (2012):

Movimentar o corpo explorando diversas possibilidades espaciais e articulares junto com um parceiro num ritmo musical combinada [sic] com a fluidez mental e com o resgate das emoções desencadeados [sic] pela dança desenvolve a relação do sujeito com seu corpo, com o corpo do outro, com os objetos e pessoas a sua volta. Evoluir na dança pode significar desenvolver-se como pessoa. (p. 202).

Como dado ilustrativo, um estudo avaliou categorias como timidez e motivação em uma turma de dança de salão da cidade de Pouso Alegre (MG) e concluiu que os praticantes estudados revelaram um grau de motivação elevado e apresentaram características como: leveza, sentimento de liberdade e capacidade de se expressar significativamente por meio do corpo, traduzindo quebra da timidez (Abreu et al., 2008).

Nesse sentido, possíveis dificuldades de sociabilização podem ser superadas ao se dançar a dois, dada a necessidade de que haja respeito mútuo entre os próprios integrantes da dupla e entre esta e os outros que dividem o mesmo salão

de dança. Nesse salão da vida todos têm um objetivo em comum: dançar! A beleza e a leveza da dança são alcançadas pelo aprendizado da técnica combinado com o misto de emoções mais intrínsecas expresso por parte de quem dança (Fonseca et al., 2012).

Como Gonzaga (1996) bem colocou, é por meio da dança que o corpo expressa o que “sente” o espírito.

4.2 O Corpo Envelhecido e a Dança de Salão

Representando as principais problemáticas do processo de envelhecimento, a consciência da temporalidade e as limitações corporais aparecem de forma frequente nos discursos dos idosos. As múltiplas velhices nascem justamente do entrecruzamento entre corpo e tempo no devir do envelhecimento. Nesse sentido, as velhices são incontáveis, se se considerar que cada sujeito tem o seu processo singular (Goldfarb, 1998).

A imagem do corpo e a representação do tempo se apresentam como elementos fundamentais para se apreender como ocorre a construção das subjetividades na fase idosa e os possíveis mecanismos de auxílio, seja para quem trabalha com essa faixa etária, seja para o próprio idoso. Nesse contexto, é importante salientar que o envelhecimento é um contínuo processo de subjetivação e não um estado estático. Ou seja, não se pode falar em um ser que é velho, mas em alguém que está envelhecendo, não existindo, portanto, uma definição categorizante de envelhecimento (Goldfarb, 1998).

No devir do envelhecimento, além de deparar com perdas que o afetam de modo pessoal, familiar e material, o sujeito acaba por perder a beleza física,

valorizada pelos padrões da sociedade atual. Esse fato o expõe ao sentimento de finitude de forma inevitável, porquanto se torna consciente da própria deterioração. Juntamente com a perda da juventude e da beleza da juventude acabam-se possíveis sensações de imortalidade ou imutabilidade (Goldfarb, 1998).

É válido considerar que a padronização de corpos a que aqui se refere se estendeu também à arte da dança na contemporaneidade, e os bailarinos acabam sofrendo pressões para manter uma imagem estética da juventude. A carreira de dança profissional no ballet na atualidade, por exemplo, termina em torno dos 30 anos de idade, enquanto no século passado, bailarinas seguiam dançando profissionalmente até seus 58 anos de vida (Almeida & Pereira, 2013).

Porém, o que se pretende aqui não é simplesmente ignorar as diferenças reais fisiológicas do corpo do idoso em relação ao corpo jovem, mas registrar que o imaginário social não raramente pesa essas diferenças com certo exagero para o negativo. Efeitos evidentes na aparência do corpo como encolhimento, enrugamento, reflexos mais lentos, descoloração dos pelos, são expressos muito mais pelos outros do que pelas próprias pessoas que envelhecem (Motta, 2002).

Nesse contexto, somente com o significativo aumento da população idosa mundial, as atividades de promoção da saúde para idosos começaram a surgir de forma expressiva, com destaque para a dança. Desse modo, os estudos sobre a imagem corporal e a dança, enfatizando a atuação dos processos biopsicossociais voltados à promoção da saúde nos processos de envelhecimento, são recentes (Witter, Buriti, Silva, Nogueira, & Gama, 2013).

Tratando-se mais especificamente da dança de salão, comumente praticada por idosos, o contato com o outro favorece de forma singular a sociabilidade. Nesse

cenário, a dança vem contribuir de forma relevante para a manutenção ou melhora de aspectos como a integração social, a aptidão funcional e a adaptação às condições preexistentes (Witter et al., 2013).

A dança de salão também se destaca entre os outros tipos de atividades físicas como possibilidade de tratamento das anomalias respiratórias ocasionadas pelo avanço da idade, geralmente associadas à ansiedade, pois reduz angústias, medos e inseguranças, contribuindo para a melhora da ansiedade e da depressão. Essa atividade proporciona adaptações fisiológicas como a melhora da função pulmonar (Guimarães, Pedrini, Matte, Monte, & Parcias, 2011).

A dança de salão favorece, ainda, um melhor controle da pressão arterial de idosos hipertensos medicados, além de ser considerada uma terapêutica para as doenças cardiovasculares e a disfunção sexual, de forma concomitante. Isso se deve ao fato de as formas de exercícios convencionais parecerem pouco atraentes para oportunizar uma eficaz aderência ao tratamento, de modo que o caráter lúdico, prazeroso e socializante da dança de salão a torna uma atividade de significativo apelo popular. A combinação música e atividade física que aproxima as pessoas em uma esfera física e emocional proporciona elevados níveis de hormônios do bem-estar aos seus praticantes, contribuindo para maior aderência e otimização dos benefícios do exercício (Carvalho, T., Gonzáles, Sties, & Carvalho, G, 2013).

Do ponto de vista neural, a dança de salão é considerada uma multifacetada atividade sensoriomotora, que engloba habilidades como ritmo, padrão espacial, sincronia e coordenação motora. As múltiplas possibilidades articulares são exploradas em vários níveis, planos, formas, eixos e direções, de acordo com o ritmo musical e seus tempos (Fonseca et al., 2012).

Assim, a dança de salão pode se tornar uma poderosa arma produtora de alterações positivas na relação mente-corpo, propiciadora de autoaceitação e percepção corporal, tanto na dimensão proprioceptiva, que se refere ao esquema corporal, quanto na dimensão emocional. Essa percepção corporal no momento do movimento permite ao indivíduo desenvolver um maior controle do seu corpo em aspectos como postura, noção de lateralidade e equilíbrio (Fonseca et al., 2012).

Como exemplo, um estudo que buscou evidenciar os benefícios e significados da dança de salão no desenvolvimento das atividades rotineiras e diárias, a partir dos discursos de 13 idosas que praticam regularmente dança de salão em uma academia de dança em Fortaleza-CE, concluiu que a prática regular da dança de salão tem uma função importante amortecedora de estresse. De acordo com o estudo, a combinação música e dança propiciou a aceitação das idosas do próprio corpo e o aumento da sua autoestima por meio da afloração das suas experiências de vida pelo lúdico e pelo prazer. Também foram evidenciadas melhoras de doenças na coluna e da depressão, além da prevenção de outras doenças. Algumas idosas, inclusive, passaram a fazer atividades que não estavam conseguindo antes da experiência com a dança, como brincar com os netos, varrer a casa e socializar-se mais (Cunha et al., 2008).

Além desses fatores, a dança de salão exerce uma função verdadeiramente terapêutica, de forma especial para o público idoso, por proporcionar movimentos regulares que não exigem tão grande esforço e o convívio saudável com outros grupos de pessoas em um ambiente estimulante, repleto de alegria e música. Outros fatores, como os horários propícios dos bailes (manhã ou tarde), o seu baixo custo, assim como a sua realização em ambientes como clubes, igrejas, residências

e academias, mais facilmente acessíveis a esse público, proporcionam uma maior adesão dos idosos (Ciola, Teixeira, & Salve, 2011).

Os benefícios da prática da dança de salão na fase idosa estão para além de físicos, porquanto abrem possibilidades para o exercício de uma vida mais prazerosa e feliz a partir de um despertar interior. Tais consequências produzem uma atitude mais confiante diante da vida por parte dos idosos, ajudando-os a lidar com os preconceitos da sociedade atual em relação ao seu processo de envelhecer (Cunha et al., 2008).

5 A Arte da Dança a Dois: Uma Experiência de Vida

Há alguns anos venho me dedicando ao estudo e à prática profissional da dança de salão e ao ballet clássico. Dentre os diversos ritmos da dança de salão existentes, tenho me aprofundado especialmente no tango.

Ao longo da minha caminhada juntamente com o meu parceiro de dança, que já dura aproximadamente sete anos, percebi que a qualidade da nossa relação tem influenciado significativamente a nossa prática, em especial, no tango. Por esse motivo optei por apresentar algumas reflexões sobre a minha relação de parceria. Vale ressaltar que, para enriquecer tal reflexão, investiguei alguns tipos de relação a dois.

Primeiramente me chamou atenção a relação EU-TU descrita por Buber (1979) como aquela na qual o mundo se realiza em três esferas. Segundo o autor, a primeira constitui a relação da vida do homem com a natureza. Nessa esfera a relação realiza-se numa penumbra, como que aquém da linguagem, e as criaturas movem-se diante dos seres humanos. A segunda esfera é a da vida do homem com os homens. Nessa esfera a relação é manifesta e explícita, ou seja, pode-se endereçar e receber o TU. Já na terceira esfera, da vida do homem com os seres espirituais, a relação se revela silenciosa, ainda que envolta em nuvens, porém, gerando linguagem.

Na relação EU-TU, o EU não experiencia o sujeito a quem chama de TU, mas entra em relação com ele de forma imediata. O mesmo autor considera que a experiência é justamente o afastamento do TU. Não se interpõe nessa relação nenhum esquema ou jogo de conceitos, ocorrendo no instante atual e plenamente

presente. A presença aqui mencionada não é algo fugaz e passageiro, mas o que aguarda e permanece diante dos seres em relação. O essencial é vivido na presença (Buber, 1979).

O mesmo autor denomina de relação EU-ISSO a relação de alguém que se contenta, no mundo das coisas, em experienciá-las e utilizá-las. Nesse sentido, o sujeito encontra refúgio e tranquilidade numa estrutura de ideias diante da tentação do nada. A humanidade se encontra reduzida a um ISSO, sem nada em comum com uma humanidade verdadeiramente encarnada, à qual um homem diz verdadeiramente TU. Nesse tipo de relação, o experienciar é centrado no eu egocêntrico, e o objeto do sujeito tem seu espaço e seu tempo. A partir do momento em que entra em relação com esse objeto, essa humanidade deixa de ser um ISSO: a força de sua exclusividade apodera-se do ser em relação.

Vale considerar que o afeto não está ligado ao EU de modo a considerar o TU um conteúdo, mas se realiza entre o EU e o TU. O afeto, nesse sentido, é conceituado como a responsabilidade de um EU para com um TU, no que consiste a igualdade daqueles que o experienciam. Porém, o próprio afeto não pode permanecer na relação imediata, ele dura mais numa alternância entre atualidade e latência. É importante considerar que o TU é composto de seres desprendidos, livres e únicos que se encontram com o EU face a face. O TU do indivíduo atua sobre ele assim como seu EU atua sobre ele numa relação recíproca (Buber, 1979).

Outro exemplo de relação a dois é a relação terapeuta-cliente apresentada por Rogers (1975) como uma possibilidade bastante inovadora quando se fala em psicoterapia. Para ele, o terapeuta deve estar presente na relação como pessoa, para que o relacionamento terapêutico seja eficaz. A relação que se desenvolve

entre o terapeuta e o cliente é muito mais do tipo EU-TU, imbuído da filosofia da não imposição. O autor define, ainda, a relação EU-TU de Martin Buber do seguinte modo:

Quando há, entre duas pessoas um relacionamento imediato e direto, quando você não tem consciência de mais nada além da pessoa, e ela não tem consciência de mais nada além de você, e há uma sensação profunda de comunicação e unidade entre vocês dois, dá-se o que se chama de relação EU-TU. (Rogers, 1975, p. 17).

Segundo Rogers (1983), há três condições para que o terapeuta consiga criar um clima facilitador de crescimento na relação com o cliente. A primeira dessas condições é a autenticidade ou congruência, que ocorre quando o terapeuta é ele mesmo na relação e o cliente pode, assim, ver claramente o que o terapeuta é na relação, não se defrontando com resistências de sua parte. A segunda atitude facilitadora é a aceitação ou consideração positiva incondicional. Essa atitude se manifesta quando o terapeuta apresenta uma atitude positiva, aceitadora, em relação ao que quer que o cliente seja naquele momento. O terapeuta tem, então, uma consideração integral e incondicional pelo cliente. O terceiro aspecto facilitador é a compreensão empática. Por seu intermédio, o terapeuta capta com precisão os sentimentos e significados pessoais que o cliente está vivendo e comunica-lhe essa compreensão. Trata-se de uma escuta ativa e sensível, pois quando as pessoas são ouvidas de modo empático, conseguem ouvir mais cuidadosamente o fluxo de suas experiências internas.

Com base no estudo desses tipos de relação a dois *a priori* refiro-me, agora, à relação a dois na arte da dança de salão. Como em todos os estilos de dança de

salão, no tango também é o parceiro que dá a condução para a parceira, embora eu acredite que por causa disso ele não necessariamente indique o caminho que os dois vão seguir, pois os dois se implicam nessa relação.

Ocorreu que, a partir da percepção da condução recebida por mim, dei uma resposta ao meu parceiro e aí foi traçado um novo caminho. Um caminho de livre criação por parte de ambos, que somos pessoas e considerações em relação. Pela minha experiência, percebi que quando dançado dessa forma o tango ganhou uma característica de não diretividade, pois ambos fomos descobrindo o caminho e traçando um novo percurso.

Senti que nossa parceria seguiu rumo à atualização a partir do momento em que condições facilitadoras já descritas por Rogers foram estabelecidas em seu âmbito. Segundo Rogers (1983), as condições necessárias para que se crie um clima facilitador de crescimento se aplicam, na realidade, a qualquer situação cujo objetivo seja o desenvolvimento da pessoa.

Ao bailar tango em um clima facilitador de crescimento, experimentei acreditar no potencial de criação do meu parceiro, aceitar incondicionalmente essa criação e movimentação, assim como os sentimentos expressos por ele nessa movimentação.

Pude constatar que, na ocorrência de aceitação incondicional entre mim e meu par, aumentou a probabilidade de crescimento e aprimoramento do potencial de criação (característica da arte) na dança e do entrosamento na parceria. A partir de nossa experiência nosso processo de criação se tornou mais apurado, pois em um diálogo perfeito entre dois seres humanos, cada um se mostrou ao outro de forma autêntica. Isso foi resultado de um anterior exercício de autoconhecimento.

Nessa medida, nós dois refletimo-nos um ao outro na interação, e compartilhamos da oportunidade de ampliar o nosso processo de autoconhecimento a partir da perspectiva do outro.

Observei, também, a existência de uma relação empática entre mim e meu parceiro a partir do momento em que ele buscou captar o meu mundo interno para dar o sinal da condução, e eu busquei captar com precisão o seu mundo interno para me dar conta e responder àquela condução percebida. Assim, criaram-se novas formas de eu reagir à condução recebida, e foi construído um frequente diálogo entre ambos em uma escuta ativa e sensível.

Nesse momento presente da relação na dança, eu e meu parceiro nos permitimos viver abertamente os sentimentos e atitudes que fluíram, fizemo-nos “transparentes” na relação, simplesmente encorajando-nos a ser. Com atitudes dessa natureza, permitimos que o outro fosse o que é e que se concretizasse a transformação mútua e a formação pelo crescimento. O crescimento a que aqui me refiro é pessoal e reflete direta e imediatamente na harmonia da dupla e no seu potencial criativo e de expressão. Também aí evidenciei avanços na parte técnica dos movimentos, a partir do momento em que eu e meu parceiro nos sentimos livres e nos permitimos ser formados pela relação.

Nesse processo, percebi que quando a dupla de dançarinos se apresenta um ao outro de forma genuína, sem escudos, sem defesas, expectativas ou máscaras, a empatia presentifica-se de maneira mais intensa na relação, assim como ocorre na relação terapeuta-cliente ou na relação EU-TU.

Segundo Bowen (1991), o nível da unidade pode ocorrer na relação terapeuta-cliente quando a dupla busca parar de manipular as coisas e submerge

nelas. Segundo a autora, nesse processo de imersão na relação, ambos experimentam e compartilham do mesmo mundo ao mesmo tempo.

Percebi que esse nível da unidade entre mim e meu parceiro na dança ocorreu quando houve um entrosamento profundo entre nós e um nível rebuscado na percepção das sutilezas da comunicação nesse diálogo corporal e de expressões. Nesse caso, evidenciei nessa comunicação, como afirmou Bowen (1992, p. 15), a presença da intuição “como forma elevada de empatia”.

Ocorreu que eu e meu par começamos a interagir tão profundamente que eu me tornei hipersensível a ponto de responder à condução antes mesmo de ela ser manifestada. Observei que o nosso potencial de criação enquanto dupla atingiu um grau elevadíssimo e nós dois nos encontramos em perfeita harmonia tanto entre nós quanto com a melodia dançada. A melodia se tornou uma só para ambos, que estávamos na mesma pulsação, a ponto de um sentir o que o outro sente.

Especificamente no tango, o contato corporal é muito intenso e o abraço aproxima bastante a dupla. Em alguns momentos, pude sentir as batidas e pulsações do coração do meu parceiro. Nesse nível de unidade, nós dois nos tornamos um e mantivemos forte sintonia, mesmo em movimentos não coreografados. As movimentações foram simplesmente executadas e até criadas naquele instante, seguindo o fluxo do contato no momento.

Posso afirmar que a minha experiência com a dança a dois em profundidade transformou-me de tal forma que passei a dar um novo sentido à dança e à vida. Passei a experienciar o momento presente na vida, mergulhando nesse presente e buscando mais profundidade nas minhas relações.

6 Método

A hegemonia da ciência na sociedade contemporânea se justifica e foi estimulada, entre outras razões, pela sua capacidade de fornecer resultados técnicos às questões expostas pelo progresso humano e social. Entretanto, essa afirmação é questionável, pois problemas como a miséria, a violência e a fome continuam a assolar o contexto social, carecendo de soluções eficazes. O fato é que graças à ciência, uma linguagem universal foi instaurada, possibilitando o estabelecimento de uma ordem interna baseada em certas técnicas e métodos para a apreensão dos fenômenos. Dessa forma, a ciência é interpretada quase como uma convicção universal, ainda mais prestigiosa na atualidade (Minayo, 2010).

Considerando-se que o conhecimento científico acontece justamente pela pretensão de estruturação entre a realidade empírica e a teoria, tem-se como sua forma mais tradicional de ratificação o método quantitativo. Entretanto, seguindo-se somente por esse prisma, corre-se o risco de afastamento de uma investigação mais contextualizada da realidade social. Discute-se não a técnica utilizada na quantificação, considerando-se a existência de instrumentos imprescindíveis, mas a probabilidade de reducionismo na análise de uma realidade social. Há, aí, uma inclinação à tentativa de simplificação da complexidade social quando se a reduz apenas a episódios enumeráveis. Vale acrescentar que essa abordagem é também caracterizada por reproduzir o positivismo clássico na atualidade (Minayo, 2010).

Sobre as proposições para este trabalho ressalto a metodologia qualitativa, principalmente pela aplicação nos produtos das significações dos sujeitos em relação a como vivem, sentem e pensam o mundo. O método qualitativo se adequa

melhor a pesquisas de segmentos e grupos já delineados, com foco na historicidade social, propiciando o desvelamento de novos pontos de vista e processos sociais ainda desconhecidos. Destaco que a empiria e a sistematização do saber fundamentam a abordagem qualitativa, favorecendo o entendimento lógico do grupo trabalhado. Baseada nessas proposições, minha opção pelo método qualitativo se justificou pela maior necessidade de captação subjetiva, considerando-se que o foco central deste estudo é justamente a apreensão da experiência dos sujeitos idosos que se dedicam à dança.

Essa escolha também restou justificada pelo fato de este estudo ser marcado por uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito. Há um vínculo indissociável entre a subjetividade dos idosos e o mundo objetivo, que não pode ser traduzido em números e não requer o uso de métodos e técnicas estatísticas. Esta pesquisa, descritiva, tem no ambiente natural a fonte direta para a coleta de dados. O processo e seu significado são os focos principais de abordagem.

Do ponto de vista de seus objetivos, a pesquisa é considerada exploratória, pois tem como intuito elaborar, desvendar e transformar ideias e conceitos, objetivando a formulação de hipóteses para estudos posteriores. Justifica-se seu emprego pela escassez de explorações do tema do presente estudo e a dificuldade de se formular hipóteses operacionais e precisas nesse contexto (Gil, 2008).

Este estudo envolveu levantamento bibliográfico, entrevistas com idosos, observações participantes e análise de exemplos destinados a estimular a compreensão e a descrição dos fatos. Tratando-se da revisão bibliográfica, esta pesquisa foi elaborada a partir de material já publicado constituído principalmente de livros, teses de doutorado, revistas científicas e conteúdo disponibilizado na Internet.

6.1 Método Heurístico: Conceitos e Técnicas

Minha opção pelo Método Heurístico justificou-se primeiramente pelo fato de o meu percurso estudantil ser baseado nos fundamentos da Psicologia Humanista Experiencial. Desde os primeiros semestres da minha graduação em Psicologia tenho me dedicado ao estudo da experiência, de modo que tenho baseado também a minha prática enquanto pesquisadora e profissional de Psicologia no estudo da experiência humana, atravessada principalmente pelos fundamentos da Abordagem Centrada na Pessoa (ACP).

O humanismo experiencial é baseado no princípio da experiência como a reflexão na vivência em uma concepção que não se deixa conduzir através ou pela experiência, mas que nos faz mergulhar nela. Uma das maiores contribuições de Carl Rogers, fundador da Abordagem Centrada na Pessoa, foi a noção de pessoa em funcionamento pleno que é aberta à experiência, gozando de liberdade psicológica para mover-se em qualquer que seja a direção escolhida (Cavalcante, 2008).

Sobre a experiência Rogers (1995) afirma:

A experiência é para mim, a suprema autoridade. A minha própria experiência é a pedra de toque de toda a validade. Nenhuma idéia de qualquer outra pessoa, nem nenhuma das minhas próprias idéias, tem autoridade que se reveste minha experiência. É sempre à experiência que eu regresso, para me aproximar cada vez mais da verdade, no processo de descobri-la em mim (p. 28).

Vale ressaltar que Carl Rogers, com sua concepção evolutiva do ser humano, foi um dos influenciadores do Método Heurístico, como apresentarei a seguir.

A escolha desse método também restou justificada pelo fato de constituir um método científico que objetiva a criação do conhecimento que trate das questões humanas relativas a significados e essências experienciais (Maciel, 2004). A meu ver, tal método atendeu ao objetivo central desta pesquisa, que consistiu justamente em investigar os significados atribuídos pelos idosos à experiência de dançar a dois proporcionada pela dança de salão.

Uma terceira razão que se apresenta para explicar a opção que fiz pelo Método Heurístico diz respeito à oportunidade que oferece ao pesquisador de se expressar artisticamente acerca do fenômeno investigado. Para mim, que tenho uma forte veia artística nas minhas entranhas, herança do meu querido avô José Vasconcelos (em memória), poeta e dançarino de primeira, é bastante significativo me expressar também por meio da arte. Penso que por seu intermédio a pessoa humana consegue expressar as dimensões mais obscuras do seu ser e da sua essência, além do que se trata de forma de manifestação de valor inenarrável, pois também toca aqueles que a apreciam.

O Método Heurístico é de autoria de Clark Moustakas e aparece como demanda para a consolidação do próprio movimento humanista da psicologia americana em resposta ao resgate da subjetividade em pesquisa psicológica, quebrando, assim, o padrão de objetividade presente em vários campos da pesquisa na área da saúde (Maciel, 2004).

A expressão pesquisa heurística surgiu da busca de Moustakas por uma palavra que expressasse de forma significativa os processos que considerava

essenciais nas investigações de experiências humanas. A raiz etiológica da palavra “Heurística” remonta à expressão grega “*Heuriskein*”, que significa descobrir ou encontrar. Refere-se a um processo de pesquisa por meio do qual se descobre a natureza e o significado da experiência. O processo interno do pesquisador está sempre presente durante a investigação e seu autoconhecimento cresce na medida em que compreende o fenômeno pesquisado com mais profundidade (Moustakas, 1990).

Tratando das questões epistemológicas ao propor seu método, Clark Moustakas tem como um dos principais influenciadores Polany, que ressalta a dimensão tácita do conhecimento cuja estrutura funcional denomina como “de-para”. Nesse sentido, o conhecimento humano se nutre “de” princípios da percepção, porém se encaminha “para” a elaboração de sínteses que vão além dessa percepção. Ou seja, no mundo do conhecimento, da construção consciente, não existem elementos separados da qualificação subjetiva. Tudo o que se percebe é objeto para alguém em uma relação subjetiva que não se pode desvencilhar (Polany, 1967 como citado em Maciel, 2004).

Polany dá destaque, ainda, para a relação consciência-mundo em uma concepção de receptividade em que, por um lado, o ser humano é aberto à realidade, o que está em sua constituição ontológica, e por outro, a realidade que circunda esse ser também é ativa. Dessa forma, o encontro entre homem e realidade acontece de forma silenciosa e oculta (Polany, 1967 como citado em Maciel, 2004).

A figura do psiquiatra e filósofo austríaco Gendlin, radicado nos Estados Unidos, foi fundamental para a consolidação da psicologia humanista americana.

Gendlin se posiciona criticamente em relação à orientação patologizante no trabalho terapêutico, ressaltando a busca por crescimento pessoal. Um de seus textos mais importantes refere-se a discussões de Carl Rogers que estruturavam o que mais tarde chamaria de “psicoterapia centrada no cliente” (Gendlin, 1962 como citado em Maciel, 2004).

Uma das principais contribuições de Gendlin (1962), segundo Maciel (2004), no que tange à gênese epistemológica do Método Heurístico, consiste no resgate metodológico das riquezas simbólicas oriundas da relação direta do ser humano com o mundo da experiência, considerando-se suas dimensões existenciais e históricas por meio da corporeidade. O autor argumenta que quando a experiência é objeto de conceitualização, há de se operar de forma reducionista, não se fazendo jus à sofisticação espontânea que lhe é inerente.

Outro autor que contribuiu significativamente com as ideias de Clark Moustakas foi Carl Rogers, com a teoria evolutiva do ser humano e uma abordagem clínica comprometida com o desenvolvimento da consciência, se baseando em elementos positivos constituintes do relacionamento humano *a priori* do processo terapêutico. Carl Rogers esboça um movimento em que o psicoterapeuta é também pesquisador em um clima existencial. Clark Moustakas explicita esse movimento e desenvolve o pensamento de que o pesquisador não investiga alguém ou para alguém, mas com alguém. A busca de informações na pesquisa se torna ao mesmo tempo uma busca existencial (Maciel, 2004).

Na análise heurística os participantes da pesquisa permanecem visíveis durante o exame dos dados e continuam a ser retratados como pessoas completas. Nesse método, a experiência total é o foco e não suas partes, evidenciando-se uma

busca de significados fora de um contexto de concepções causais ou medidas. A experiência e o comportamento não são vistos separadamente, mas em um contexto integrado e indissociável de sujeito e objeto, fazendo parte de um todo (Moustakas, 1994 como citado em Maciel, 2004).

Clark Moustakas também especifica diferenças entre a sua proposta e a abordagem fenomenológica, afirmando que a fenomenologia tem como foco a essência da experiência, enquanto a metodologia heurística conserva a essência da pessoa em experiência. A pesquisa ou busca heurística objetiva a recriação e, ao mesmo tempo, uma expressão da experiência vivida pela pessoa que passou por ela. Vale salientar, ainda, que aquele que expressa e retrata é também o retratado. Essa observação enfatiza a aliança do Método Heurístico com o padrão qualitativo e ao mesmo tempo pretende expressar diferenças no sentido da reconstrução interior da experiência em estudo por parte do pesquisador (Douglas & Moustakas, 1985 como citado em Maciel, 2004).

A busca heurística é então definida por Moustakas (1990, p. 15) como

Uma forma de engajamento em uma busca científica através de métodos e processos que tem a descoberta por termo; uma forma de auto inquirição e diálogo com outros que tem como finalidade encontrar os significados que sublinham experiências humanas importantes.

Vale ressaltar que a postura do pesquisador heurístico deve ser a de estar disponível para se deixar afetar e fecundar diante de uma incansável busca interior e interação com outras pessoas ou especialistas implicados de forma direta com as experiências em foco. É fundamental que o pesquisador conviva com o dado e,

além disso, seja apaixonado e sensível, pois precisa identificar o momento adequado de cada etapa na busca pelo conhecimento. A flexibilidade diante da indeterminação dos sujeitos da pesquisa também é uma marca importante do investigador heurístico, visto que o mesmo precisa evidenciar a natureza íntima da realidade como um desafio singular e criativo (Douglas & Moustakas, 1985 como citado em Maciel, 2004).

O Método Heurístico se baseia ainda em alguns fundamentos principais como:

- Conhecimento tácito

No dicionário Michaelis da língua portuguesa (2009), tácito significa “não expresso; subentendido, implícito; que, por não ser expresso, se deduz de alguma maneira”. Na base de todo o Método Heurístico está o poder da revelação do conhecimento tácito. Tal conhecimento é possível mediante a capacidade tácita, que permite ao investigador detectar a totalidade ou a unidade de algo a partir da compreensão de suas partes individuais. Nesse caso os elementos implícitos são os componentes necessários para se chegar à integração de um fenômeno (Moustakas, 1990).

Moustakas (1990) descreve quatro tipos de conhecimento tácito a partir de Polany (1969). O primeiro refere-se à “skill” (p. 182), que quer dizer habilidade. Segundo o autor, quando as habilidades e atitudes subsidiárias e focais estão em ritmo, integradas, a pessoa é capaz de cumprir a tarefa e completar a *performance*. Como exemplo, a atividade de andar de bicicleta requer a integração de qualidades subsidiárias e focais. Nesse caso, o conjunto de habilidades subsidiárias refere-se a ter conhecimento sobre pedaladas, direção, balanceamento, freios, sensação de

espaço e tempo, movimentos adequados e coordenação, que se alia aos fatores focais da prontidão, autoestima, confiança, otimismo e senso do todo. Todas essas habilidades são combinadas ao se andar de bicicleta.

O segundo tipo de conhecimento tácito refere-se à leitura de uma fisionomia. Em uma compreensão do humor de uma pessoa preocupada, por exemplo, podem-se notar elementos subsidiários como o olhar abatido, o corpo reduzido, a testa franzida, a voz pinçada, o peso do movimento e outras pistas. Também se podem encontrar dimensões focais como a sensação de peso, a sensação de estresse e o estado interior abatido. Juntos, esses elementos permitem a realização de uma leitura do estado mental de alguém.

Já o terceiro tipo de conhecimento tácito envolve a maneira como encontramos nosso caminho no escuro, que passa pelo desenvolvimento de um senso de significado de onde estamos para que possamos encontrar uma solução. Por fim, o quarto tipo de conhecimento tácito refere-se às habilidades especulativas descritas no seguinte exemplo: um jogador de xadrez, na realização de um jogo, vê a forma como as peças de xadrez estão posicionadas conjuntamente e suas chances de ganhar o jogo. Esse jogador, utilizando fatores focais e subsidiários que operam no conhecimento tácito, é capaz de decidir o próximo movimento.

É interessante observar que na obtenção de dados, a dimensão tácita é o precursor da inferência e da intuição, orientando a pessoa a desvendar aspectos inexplorados da consciência de maneira não linear. Desse modo, o tácito é visionário, pois incorpora os aspectos artísticos e estéticos da consciência sem negligenciar as pistas da cognição. O conhecimento tácito opera nos bastidores, dando à luz os palpites e formando os *insights* (capacidade de obter uma

compreensão intuitiva precisa e profunda de uma pessoa ou coisa) que caracterizam a descoberta heurística (Douglas & Moustakas, 1985).

- Intuição

Da dimensão tácita, uma espécie de ponte é formada entre o conhecimento implícito que lhe é inerente e o conhecimento explícito observável e descritível. Na intuição utiliza-se uma capacidade interna de fazer inferências para se chegar a uma compreensão das estruturas subtendidas nos fatores observáveis. Sobre isso, Douglas e Moustakas (1985, tradução nossa) observam que “Por meio da intuição eu chego além do escopo das minhas habilidades de percepção habituais e descubro conhecimento e significado inesperadamente e implicitamente” (p. 50).

A intuição torna possível a percepção dos fenômenos como totalidades e está situada justamente em um ponto de interseção entre o conhecimento explícito e a dimensão tácita do conhecimento (Moustakas, 1990), como demonstra a Figura 1 a seguir:

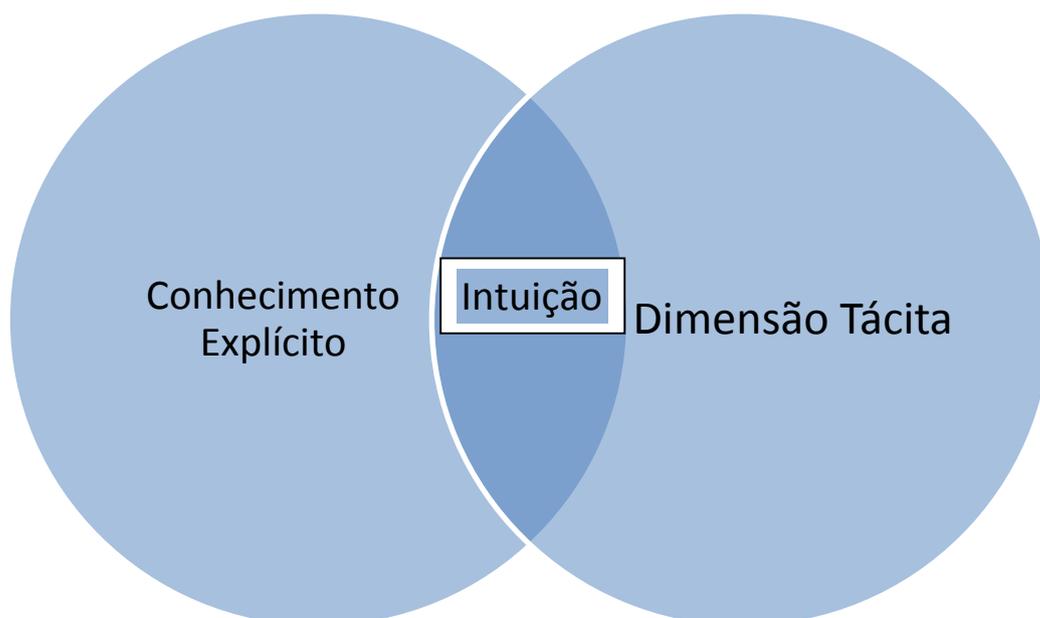


FIGURA 1
Lugar da Intuição. Elaboração da Autora (2015).

- Autodiálogo

No Método Heurístico importa tornar-se um com o que se procura saber, porém, além disso, o pesquisador pode entrar em contato com o fenômeno permitindo que fale diretamente com a própria experiência de ser questionado por ele. Desse modo, é capaz de encontrar o evento estudado e examiná-lo com o intuito de se envolver em um fluxo rítmico com ele até que tenha descoberto seus múltiplos significados (Moustakas, 1990).

Nessa perspectiva, o processo de autodiálogo torna possível a derivação de um corpo de conhecimento científico que é útil. Tal processo é guiado pela concepção de que o conhecimento pode ser descoberto e explicado inicialmente mediante a autoindagação. Em um autodiálogo, o pesquisador enfrenta a si mesmo e deve ser honesto consigo mesmo e com a própria experiência relevante para a questão ou problema (Moustakas, 1990).

- A dimensão íntima

A dimensão íntima da busca heurística se refere ao processo de transformação interno do pesquisador com o objetivo adquirir uma compreensão mais profunda e mais extensa da natureza ou significado da qualidade da experiência humana (Moustakas, 1990).

Tal processo exige que o pesquisador retorne ao dado novamente e novamente até que seja capaz de retratá-lo plenamente em palavras, imagens, talvez em expressões criativas como poesia, obras de arte, movimentos e narrativas. A dimensão íntima requer prática para permitir que o pesquisador se

abra para despertares intuitivos e mistérios tácitos, bem como às dimensões explícitas, que podem ser relatadas, observadas e descritas (Moustakas, 1990).

- Processo de focalização

Os passos do processo de focalização utilizados na investigação heurística incluem limpeza de um espaço interior pelo pesquisador para permitir-se ser tocado por pensamentos e sentimentos essenciais ao esclarecimento da questão da pesquisa; manuseio da questão elucidando seus constituintes; e contato com temas centrais e explicação desses temas. Tal processo facilita a receptividade do pesquisador, permitindo-lhe realizar percepções e detecções para atingir um esclarecimento mais definitivo da essência da matéria, deixando de lado as qualidades ou sentimentos periféricos (Moustakas, 1990).

É por intermédio do processo de focalização que se pode entrar em sintonia com a dimensão tácita. Dessa forma, o pesquisador pode descobrir refinamentos de um significado ou penetrar no núcleo do fenômeno estudado até que identifique vislumbres que o levem a uma imagem unificadora (Douglas & Moustakas, 1985).

O Método Heurístico apresenta ainda algumas fases desenvolvidas por Moustakas (1990) que norteiam a pesquisa, descritas na continuidade:

1ª fase) Engajamento inicial: para o autor, dentro de cada pesquisador há uma questão, tema ou problema de pesquisa que representa um interesse crítico. A tarefa dessa fase é justamente descobrir um intenso interesse, uma questão que atraia o pesquisador e reúna importantes significados pessoais e sociais.

Durante o engajamento inicial, o investigador atinge o aperfeiçoamento da consciência e do conhecimento tácito, permitindo que a intuição corra livremente e

esclarecendo o contexto pelo qual a questão da pesquisa adquire forma e significado. Essa fase convoca-o ao autodiálogo para descobrir o tópico da questão, algo no qual ele tenha um interesse significativo dentro de um contexto social.

2ª fase) Imersão: uma vez que a questão da pesquisa é definida, e os seus termos são clarificados e definidos, ela se torna cristalizada na vida do pesquisador. Tal processo permite que o pesquisador fique íntimo da questão da pesquisa, objetivando o crescimento da compreensão e do conhecimento a seu respeito.

Nessa fase o pesquisador mantém um foco de concentração sobre a questão da pesquisa mediante várias possibilidades de leituras e de discussões em encontros sociais e profissionais. O autodiálogo facilita esse processo de imersão, pois o pesquisador persegue palpites e pistas intuitivas dentro da dimensão tácita.

3ª fase) Incubação: aqui o pesquisador se retira do intenso processo de concentração ao redor da questão da pesquisa. Ao se mover para outro caminho diferente, separado do profundo envolvimento com a natureza e significado da questão da pesquisa, outro nível de ampliação do conhecimento ocorre. Durante esse processo, o pesquisador não é mais absorvido pelo problema da pesquisa de forma direta, mas indiretamente, mediante o envolvimento com acontecimentos e pessoas que contribuiriam para a compreensão do fenômeno estudado.

O autor exemplifica essa fase com a situação corriqueira na vida de cada indivíduo de esquecer um nome e tentar lembrá-lo a todo custo, sem, no entanto, obter sucesso, até que se envolva com alguma outra atividade, quando o nome retorna à consciência. Acrescenta que um processo similar ocorre no processo de incubação, que permite o funcionamento interno da intuição e da dimensão tácita do

conhecimento, dando continuidade à ampliação da compreensão em níveis fora da consciência imediata.

4ª fase) Iluminação: essa fase consiste em um processo que ocorre naturalmente quando o pesquisador se mostra receptivo e aberto à dimensão tácita e à intuição. Trata-se de um avanço da consciência acerca das qualidades e temas inerentes à questão da pesquisa. Quando o pesquisador se encontra em um estado mental receptivo, sem fazer nenhum esforço consciente de concentração, a descoberta ou as modificações ocorrem.

Um grau de reflexão é essencial, porém o mistério ao redor da questão da pesquisa requer do pesquisador um funcionamento tácito. A iluminação pode envolver correções para compreensões outrora distorcidas ou mesmo a descoberta de significados ocultos na investigação. O pesquisador se envolve e depois começa a registrar, dialogando, escrevendo, gravando e assim por diante.

Segundo Smith (2008), a fase da iluminação acontece naturalmente, espontaneamente, como é a reorganização do saber. Esse processo pode ocorrer em um momento, ou ao longo do tempo na consciência.

5ª fase) Explicação: nesse momento o pesquisador deve descrever os elementos que surgiram e depois produzir um retrato compreensivo da essência da questão. É a fase da redação mais técnica, intercalada com elementos em que os dados são iluminados e as interlocuções apenas descritas, com percepções e diálogos interiores.

Na explicação há uma apreensão mais completa dos principais ingredientes da descoberta. Texturas, ângulos e características adicionais são articulados, assim

como correções são feitas. Em última análise, uma descrição que abrange os temas dominantes é desenvolvida, o pesquisador reúne descobertas significativas e as organiza em uma descrição abrangente da essência da experiência. Os principais componentes do fenômeno investigado são explicados em detalhes para, posteriormente, serem colocados juntos em uma experiência.

6ª fase) Síntese Criativa: ocorre, aqui, a criação de uma representação de toda a experiência de pesquisa por meio de narrativa, texto, poesia ou outra forma de expressão que guarda fortes ressonâncias criativas.

Ao chegar nessa fase, o pesquisador heurístico deve estar completamente familiarizado com os dados em suas principais qualidades, constituintes e temas, com a exploração dos significados e os detalhes da experiência como um todo. A síntese criativa só pode ser construída mediante as dimensões tácita e intuitiva. Um profundo conhecimento dos dados e um período de solidão e meditação ao redor dos tópicos das questões da pesquisa são importantes quesitos preparatórios para a produção de uma expressão criativa.

6.2 Cenário da Pesquisa

A pesquisa de campo foi realizada no Náutico Atlético Cearense, localizado no número 2727 da Avenida da Abolição, no Bairro Meireles. Segundo informações obtidas no site oficial do Náutico, o clube foi fundado em 9 de junho de 1929, há 86 anos, por um grupo de jovens entusiastas que objetivava a prática de esportes. Tal grupo era composto por modestos trabalhadores do comércio de Fortaleza, que nas areias da antiga Praia Formosa construíram uma guarita de madeira (primeira sede). Vale ressaltar que como patrimônio histórico, recebe o apoio da Força Aérea

Brasileira (FAB), do Exército Brasileiro e da Marinha do Brasil (Figura 2).



FIGURA 2
Clube Náutico. Acervo pessoal da Autora (2015).

Atualmente o clube é frequentado principalmente pelo público idoso fiel, que lá pratica esportes, participa de bailes de dança de salão e utiliza o restaurante. A situação atual do clube é de insegurança jurídica e dificuldades financeiras, havendo risco de ser extinto.

6.3 Participantes da Pesquisa

O presente estudo se realizou com sujeitos idosos, de ambos os sexos, moradores da cidade de Fortaleza e que participam regularmente dos bailes de dança de salão que acontecem aos domingos no Náutico Atlético Cearense. Há um número significativo de idosos dançantes frequentadores fiéis. Foram selecionados como participantes ativos deste estudo seis sujeitos, três do sexo masculino e três do sexo feminino, em obediência aos seguintes critérios de inclusão: idade igual ou superior a 60 anos, pelo menos seis meses de prática de dança de salão e

formação de parceria de dança durante os bailes. Como critério de exclusão tem-se a baixa frequência aos bailes dominicais de dança. Vale ressaltar que todos os participantes são de classe média a alta e a maioria reside em bairros nobres da cidade de Fortaleza.

Minha escolha pela quantidade de seis sujeitos idosos dentro de um número significativo de frequentadores dos bailes dominicais justifica-se pela proposta de aprofundamento das experiências de cada participante da pesquisa.

Nas Tabelas 1, 2 e 3, na sequência, estão especificados os participantes da pesquisa:

Casal 1

TABELA 1

Informações Gerais do Casal 1

Participantes	C1F	C1M
Sexo	Feminino	Masculino
Idade	61 anos	71 anos
Estado Civil	Solteira	Solteiro
Profissão	Aposentada e empresária	Aposentado e empresário
Tipo de relação	Relação de Namoro	
Tempo de parceria na dança	10 anos	

Fonte: Elaboração da Autora (2015).

Casal 2

TABELA 2

Informações Gerais do Casal 2

Participantes	C2F	C2M
Sexo	Feminino	Masculino
Idade	62 anos	67 anos
Estado Civil	Solteira (viúva)	Divorciado
Profissão	Aposentada	Aposentado
Tipo de relação	Relação de Amizade	
Tempo de parceria na dança	4 anos	

Fonte: Elaboração da Autora (2015).

Casal 3

TABELA 3

Informações Gerais do Casal 3

Participantes	C3F	C3M
Sexo	Feminino	Masculino
Idade	77 anos	85 anos
Estado Civil	Casada	Casado
Profissão	Aposentada	Aposentado
Tipo de relação	Relação de matrimônio	
Tempo de parceria na dança	62 anos	

Fonte: Elaboração da Autora (2015).

6.4 Coleta de Dados

A literatura reconhece a importância do desenvolvimento de estratégias para a entrada em campo como meio de se prever os pormenores dos primeiros

impactos causados pela pesquisa. Isso envolve a forma como o pesquisador se apresenta e a quem (Minayo, 2010). Seguindo-se as instruções da autora, o estabelecimento dos primeiros contatos ocorreu no momento anterior ao da ida a campo, correspondendo à primeira fase do Método Heurístico, do engajamento inicial.

Primeiramente fiz contato com o coordenador responsável pelo Náutico Atlético Cearense objetivando informar as propostas da pesquisa, assim como a Instituição a qual a mesma está vinculada. Realizei um pedido formal mediante um termo de consentimento para que a pesquisa pudesse prosseguir no referido clube. Após a aceitação da instituição, construímos de forma conjunta o cronograma das atividades em campo e decidimos que espaços a instituição nos disponibilizaria para a realização das práticas.

Seguindo os passos ilustrados por Minayo (2010), inicialmente realizei uma apresentação ao grupo, na qual me identifiquei e discorri acerca dos meus objetivos na Instituição, colocando-me à disposição para ser contatada pelos frequentadores do baile que tivessem interesse em participar da pesquisa. Nesse momento também fiz referência à Instituição a qual me vinculo e apresentei os documentos comprobatórios dessa informação e da adesão do Náutico Atlético Cearense.

Visando à construção de um intermédio entre os aspectos teórico-metodológicos e a realidade empírica, estabeleci os instrumentos e métodos de trabalho e a exploração do campo na área da pesquisa qualitativa. Realizei observações participantes descritivas e completamente livres, sem perder o foco da constituição do objeto de estudo, passo que caracterizou a primeira e a segunda

fase descritas no Método Heurístico (engajamento inicial e imersão), pois também desenvolvi uma interação com os idosos.

Como parte essencial do trabalho - que alguns estudiosos consideram um método em si e não somente uma técnica -, as observações participantes ocorreram no contexto dos bailes de dança de salão. Eu, enquanto pesquisadora, também me tornei parte desse contexto, modificando-o e deixando-me ser influenciada por ele. Também levei em consideração a necessidade de relativizar, priorizando a capacidade de me pôr no lugar do outro, como aponta Minayo (2010).

Escolhi a observação participante como um dos meios de coleta de dados por entender que não posso negligenciar a existência de um conjunto de episódios que não podem ser assinalados com base em perguntas e/ou quantitativamente. Há dados que precisam ser observados e explorados em sua realidade, como detalhes dos tons das conversas, a vida social do grupo ou elementos que possam repercutir no comportamento e nas reações emocionais dos investigados, segundo orientação de Malinowski (1978) como citado em Minayo (2010).

Procurei imergir na realidade com empatia, respeito e ética o mais intensa e intimamente possível, liberta de ideias preconcebidas e levando em consideração os fundamentos dos referenciais teóricos acerca do tema. Também busquei assumir a postura de participante como observadora, e ressaltar para o grupo que a minha participação duraria somente enquanto se estendesse a pesquisa, objetivando não bloquear a profundidade da interação, acatando a sugestão de Malinowski (1978) como citado em Minayo (2010).

O diário de campo fez parte da observação participante como instrumento de coleta de dados. A cada observação elaborei um relato, anotando todas as

informações que não estavam contidas no roteiro de entrevistas formais como expressões, conversas informais e intuições. Registre minhas impressões pessoais com o intuito de tornar mais verídica e autêntica a pesquisa de campo. Busquei registrar, também, sinais importantes que foram emitidos e que acabaram por se naturalizar na rotina das observações, em conformidade com o que observa Minayo (2010).

Posteriormente, compondo os instrumentos de coleta de dados, construí um roteiro de entrevista não estruturada ou não diretiva, nos moldes dos padrões estabelecidos por Minayo (2010), contendo alguns tópicos destinados a conduzir uma conversa objetiva, cada um deles situado na delimitação do objeto, priorizando o aprofundamento do tema proposto.

Importa observar que a elaboração do roteiro proposto não foi encarada com rigidez, pois não podia prever as condições de trabalho que iria encontrar. Esse roteiro serviu apenas como um guia e não um bloqueio, facilitando a emergência de novos temas. As questões estabelecidas visaram conduzir o foco para a experiência dos sujeitos em relação à dança e à apreensão do envelhecimento nesse contexto. Evitei a elaboração de perguntas conceituais para que não houvesse menção a vivências externas às vivências dos entrevistados.

Em seguida, informei-me dos frequentadores do baile que demonstraram interesse em participar da pesquisa se os mesmos se encaixavam nos critérios de inclusão e exclusão. Aos que se encaixaram entreguei o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), que foi lido e assinado por eles. As garantias do anonimato sobre a identidade do participante e do sigilo sobre os dados coletados também foram explicitadas. Nesse momento, me coloquei à disposição para

esclarecer qualquer questão antes, durante e depois da assinatura do referido termo.

Na sequência, apliquei uma entrevista aberta ou não estruturada a cada casal de idosos, parceiros de dança, com o objetivo de captar as experiências de interações entre os mesmos. A entrevista objetivou a obtenção de dados resultantes das reflexões dos próprios sujeitos, correspondendo à segunda fase (imersão) do Método Heurístico. Esse momento foi de iniciativa minha, e constituiu-se em uma forma privilegiada de interação social, como apontou Minayo (2010).

No momento das entrevistas expliquei para os entrevistados os interesses e objetivos da pesquisa, assim como as formas como os depoimentos coletados poderiam contribuir para a mesma, para a comunidade e para o próprio sujeito colaborador.

Na ocasião, utilizei como base o roteiro elaborado para organizar os pensamentos de forma a buscar identificar os fios condutores que aprofundam a conversa. A construção de um relacionamento livre, sem amarras e informal foi priorizada. Houve envolvimento entre mim e os participantes da pesquisa, fundamental para o aprofundamento da relação que objetivou o estabelecimento da confiança. As entrevistas foram gravadas, com a devida autorização dos entrevistados, e se estenderam por um tempo médio de 40 minutos.

Após aplicar as entrevistas, fiz contínuas e frequentes observações participantes e coletas de imagens dos sujeitos da pesquisa dançando juntos no salão, pois como este se trata de um estudo sobre os significados atribuídos à dança de salão, a linguagem corporal é importante componente de análise.

6.5 Organização e Análise de Dados

A organização e análise dos dados no Método Heurístico começam durante a imersão e a incubação. As transcrições, documentos e notas pessoais do pesquisador devem ser organizados em uma sequência que conte a história de cada participante. Após uma cuidadosa imersão do pesquisador nele mesmo e nos dados coletados, deve ser desenvolvido um retrato da experiência de cada participante (Moustakas, 1990).

Na tentativa de compreender melhor as experiências dos sujeitos investigados transcrevi na íntegra os dados colhidos por meio das gravações e os organizei, juntamente com os diários de campo, os vídeos e outras anotações minhas, em uma série de dossiês. Os dossiês - um para cada participante da pesquisa - consistem numa coleção de documentos em que todos os dados coletados foram armazenados e organizados. Cada dado foi registrado de forma a reconstruir os processos de experiências de todos os sujeitos na pesquisa, tanto de forma individual como considerando a dupla.

Na construção dos dossiês de experiências individuais e da dupla percebi-me, enquanto pesquisadora, em um processo de montar um complexo quebra-cabeça. Tentei, mediante a dimensão tácita do conhecimento, do conhecimento teórico acerca do tema e dos dados explícitos coletados, reconstruir experiências individuais dos participantes com a dança e da referida dupla com a dança. Porém, o que ocorreu foi a percepção de que algumas experiências da dupla de dança eram compartilhadas com tanta profundidade que não consegui diferenciar bem o que era experiência de um ou de outro. Percebi em alguns casos que os corpos, as

sensações e os sentimentos se fundiam de tal forma que a experiência se tornou única.

Vale ressaltar que na organização dos dados colhidos o pesquisador heurístico goza de certa liberdade, como pontuam Schneider, Bugental e Pierson (2001, p. 266, tradução nossa):

Depois que os dados são coletados, devem ser organizados e apresentados de uma forma que possa retratar e ilustrar os temas, significados e essências das experiências que têm sido investigadas. Métodos de pesquisa heurística são abertos, eles apontam para um processo de realizar algo de uma forma ponderada e ordenada, em um modo de proceder que oriente o pesquisador.

Nesse momento, o principal desafio do pesquisador heurístico é examinar todos os dados, combinando-os e recombinao-os criativamente, triando-os e se movendo dentro e fora das meras aparências. O mesmo necessita analisar cuidadosamente os significados dentro dos significados, identificando as qualidades gerais das informações (Douglas & Moustakas, 1985).

Após exaustivas imersões nos dados coletados e no meu próprio processo na pesquisa, inúmeras discussões teóricas com diversos interlocutores sobre o tema e diversas tentativas de “montar quebra-cabeças” experienciais, senti necessidade de parar, descansar, vagar, experienciar. Percebi que era chegado o momento de adentrar na fase da incubação e retirar o olhar dos dados por um tempo. Essa fase foi profundamente importante para mim, pois senti que as minhas energias sensíveis se renovaram de alguma maneira.

Confesso que diante de tantos prazos e cobranças tentei encurtar esse tempo e por muitas vezes me forçava a retornar às análises, porém não conseguia ir além da dimensão teórica do conhecimento. Um determinado dia, enquanto falava em uma mesa na jornada de estudos do meu laboratório de pesquisa acerca de experiências potencializadoras de vida, consegui sentir novamente a emoção que é dançar a dois. Esse sentimento despertou-me e me inspirou a voltar novamente à pesquisa, aos dados “crus”, e me dei conta de que esse quebra-cabeça da experiência de dançar a dois não tinha uma lógica cronológica, era completamente atemporal.

Considero esse o momento em que adentrei na fase da iluminação, no qual evidenciei uma espécie de invasão da consciência justificada pelo meu movimento receptivo e enérgico das questões encontradas no campo. Tentei fazer com que as questões da pesquisa fossem perpassadas por um nível profundo de autopercepção em um rebuscado diálogo e exploração interior de minha parte, para que houvesse um envolvimento maior com os fenômenos pesquisados, como orienta Moustakas (1990). Ressalto que esse envolvimento favoreceu a minha abertura a intuições, à dimensão tácita do conhecimento, a sentimentos e percepções.

Na busca de apresentar um exame total dos elementos advindos do momento da iluminação, adentrei na fase da explicação, que tem dupla finalidade: a primeira, de descrever os elementos que surgiram, e a segunda, de apreender e esclarecer os níveis de significados da questão da pesquisa, como pontua Moustakas (1990).

Revisei os dados no intuito de registrar o meu processo na pesquisa em um diálogo com a literatura e os especialistas envolvidos. Obtive daí um conhecimento

“compreensivo” das experiências em foco e de seus respectivos significados. Ou seja, em um contínuo diálogo comigo e com todos os possíveis interlocutores, produzi um retrato compreensivo do essencial dos fenômenos investigados. Esse processo ocorreu por intermédio de uma redação mais técnica e precisa segundo orientação de Moustakas (1990) como citado em Maciel (2004).

Moustakas (1990) direciona alguns passos importantes para a análise e apresentação dos dados: a experiência individual de cada participante da pesquisa deve ser detalhadamente compreendida pelo pesquisador; o pesquisador tem que verificar se a descrição da experiência do participante da pesquisa contempla suas qualidades essenciais; o pesquisador busca produzir retratos apurados de exemplares de experiências; a representação dos dados é composta de exemplos de narrativas, aspectos descritivos, discussões de estruturas temáticas, ilustrações e trechos textuais que acentuam o fluxo, o espírito e a vida inerentes à experiência; a composição escrita inclui os significados do fenômeno da experiência do indivíduo e do grupo (nesse caso da dupla); e, por fim, o pesquisador é um cientista-artista e desenvolve uma representação estética do essencial dos significados das experiências em uma liberdade de expressões de sentimentos, pensamentos e presença que imprime no material criativo um valor pessoal e profissional.

Finalmente, na última fase desse processo, descrita pelos autores em estudo, após a familiarização com os dados, suas qualidades e explicações, e a composição e amadurecimento de sua leitura como um todo, desenvolvi uma síntese criativa de todo o árduo processo investigativo, produção que preservou fortes ressonâncias criativas.

6.6 Procedimentos Éticos

Na busca de concretizar uma prática de pesquisa criteriosa e eticamente responsável envidei todos os esforços para proteger as identidades dos sujeitos investigados, assim como para garantir que entendessem as premissas da pesquisa e concordassem com elas. Os participantes, então, assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), em concordância com os aspectos éticos para o desenvolvimento de pesquisas envolvendo seres humanos assegurados pela *Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012*, do Conselho Nacional de Saúde.

Como salvaguardas éticas, os objetivos que se buscou alcançar foram os seguintes: garantir que a participação de todas as pessoas na pesquisa fosse voluntária, protegê-las contra quaisquer tipos de danos e garantir a confiança mútua entre o pesquisador e as pessoas estudadas (Silverman, 2009).

É válido salientar que após a conclusão e defesa deste estudo garantirei aos participantes uma devolutiva do mesmo em reunião posterior, na qual cada um deles receberá uma cópia da pesquisa. Também assegurei a oferta de suporte psicoterapêutico para aqueles que se sentirem, por qualquer circunstância, prejudicados e /ou fragilizados emocionalmente em decorrência do processo da pesquisa.

7 Dançando no Salão da Vida: Descrição e Análise dos Dados

Este capítulo contempla as descrições e análises das experiências dos participantes da pesquisa com a dança a dois. Tais experiências foram retratadas e analisadas em três blocos, representando os três casais. Na sequência estão as imagens dos mesmos seguidos de frases significativas que se destacaram no processo de análise dos dados coletados.

Casal 1 – O Prazer da Dança!

Nós dançamos todos os ritmos. Ele me ensinou a valsa e eu o forró e o samba! (C1F).



FIGURA 3
Casal 1 – O Prazer da Dança! Acervo pessoal da Autora (2015).

No clube Náutico eu deparei com um casal bem interessante. O senhor C1M é Alemão, tem 71 anos e namora há 10 anos a senhora C1F, brasileira, cearense de 61 anos. Ambos já vêm de outros relacionamentos, nos quais construíram família (filhos, noras e netos), e nesse momento da vida desfrutam de um relacionamento de namoro que os faz sentirem-se mais vivos e é constantemente alimentado pela dança a dois.

Segue um trecho da fala do casal na entrevista a respeito da importância da dança para a manutenção da relação de namoro: “C1F: Ah sim! Assim, ele me conquistou pela dança”. Com um olhar surpreso o senhor C1M comentou: “Mentira! Eu não sabia dançar, você me convidou, eu não sabia dançar! O contrário!”. Nesse momento os dois se entreolharam como se tivessem voltado no tempo, mais especificamente ao momento em que se conheceram em um salão de dança, há 10 anos. Um olhar mútuo de conquista, de paquera, um pouco de timidez entre um cavalheiro e uma dama. A senhora C1F complementou: “Não! Nosso relacionamento durou mais por causa da dança”. Eu os questionei se a dança não teria sido uma conquista mútua e o senhor C1M fez um sinal afirmativo com a cabeça e confirmou: “É, faz parte né do relacionamento”. A senhora C1F afirmou em seguida: “Faz parte sim! Faz parte!”. E ao ser indagada sobre se a dança alimentaria a relação respondeu: “Sim, sim, sim! Se não fosse a dança...”

Tal situação de conquista mútua é a comprovação das ideias de Fonseca et al. (2012) em um trecho na revisão teórica deste trabalho no qual afirmou que no processo da dança a dois evidencia-se um sentimento de conquista, há todo um movimento dançado a dois, sinal de que a comunicação funcionou. Acrescentou ainda que a interação entre os indivíduos que dançam pode ser extremamente

benéfica a partir do instante em que ocorre a quebra da timidez.

Um dos objetivos da minha pesquisa consistiu em compreender as repercussões da relação de parceria na harmonia da dupla de idosos na dança de salão, e o que eu percebi, curiosamente com esse casal, é que a dança foi o que influenciou significativamente para a harmonia da relação do casal.

Na mistura da rigidez da valsa com o molejo do samba e do forró, com a dança o casal encontrou uma maneira não só de levar a vida com prazer, mas de vivenciá-la de forma mais leve no aprendizado constante de se relacionar melhor, um sentindo o ritmo do outro. A fala da C1F ilustra isso: “quando eu estou com raiva dele e eu danço com ele, aí ameniza. Então a dança une, une, une”.

Quando o casal foi questionado a respeito da experiência com a dança ao longo da vida, ambos deixaram transparecer um sentimento de nostalgia, com algumas boas lembranças. A idosa C1F narrou as suas experiências com dança desde a sua infância, quando dançava horas e horas e até saía escondida dos pais para dançar. Ela revelou que a dança perpassou as suas raízes, pois cresceu vendo os pais dançarem, e presencia a sua mãe viver uma rotina de dança até os dias atuais. Em suas palavras:

Minha mãe tem 83 anos né, a minha mãe sempre dançou, sempre, sempre, sempre. Meu pai também dançava. A minha mãe tem 83 anos, mas ela dança muito! Muito mesmo. Se a mamãe for para qualquer lugar e tiver música, ela dança sem parar. Tanto ela dança sozinha como ela dança a dois. Às vezes ela contrata um dançarino né, ou então ela dança só (C1F).

A senhora C1F expressou grande admiração pela mãe, que por meio da

dança expressa força, garra e alegria de viver, como demonstra em sua fala:

Se você ver a mamãe, você não dá essa idade para ela. Ela é magra, ela. Todo mundo, ninguém acredita a idade que ela tem. Ela é muito ativa, a mamãe, muito ativa! Tanto na dança, quanto na vida mesmo.

Ao indagar o senhor C1M acerca da experiência com a dança ao longo de sua vida, obtive que essa experiência começou de verdade a partir do momento em que começou a dançar com a parceira, há 10 anos. Seu corpo trazia toda a rigidez europeia da valsa, com seu ritmo bem pausado e definido, na qual ele, enquanto cavalheiro, fazia o papel de moldura para destacar o quadro – a dama -, com respeito e um pouco de distância. De repente, em um envolvimento corporal e energético, ele se deixa contagiar pelo suingue e a sensualidade do forró e do samba que aprendeu com a parceira. Nesse ponto, ao tratar do envolvimento e da comunicação a dois refiro-me ao trecho da revisão teórica deste trabalho no qual Fonseca et al. (2012) retratam que na dança de salão a comunicação acontece por meio do corpo, do olhar e do toque do outro, seu próprio espelho.

Por intermédio dessa comunicação com a parceira o senhor C1M retratou o motivo pelo qual só dança com a mesma desde então:

Sabe por que eu não gosto de dançar com outra mulher? Tem que falar a verdade, porque com outra mulher tem que ter respeito, a distância. Para quem gosta de dançar como um vício como nós, não gosta de dançar muito longe, gosta de dançar assim apertado.

Porém, não era somente o senhor C1M que considerava o ato de dançar a dois um vício, a senhora C1F também trouxe essa expressão carregada de ânimo:

“A dança, quanto mais você dança, mais vontade você tem de dançar! É, eu acho que é um vício! Quando eu não vou dançar eu sinto falta, muita falta! Como de um esporte”.

Demonstrando que a dança não estava só nas suas raízes, mas marcada nas suas sensações e memórias corporais, a senhora C1F definiu como “adrenalina” o que sentia ao dançar.

O que me parece é que essa adrenalina era contagiante, pois o senhor C1M também afirmou sentir adrenalina e nomeou algumas consequências da dança em sua vida, trazendo à tona memórias corporais de bem-estar e prazer em sua fala:

Cada vez eu quero estar em forma né. Quando eu estou em forma e saudável assim, quanto mais eu danço mais eu fico assim ativo. . . . É a adrenalina, a natação também. Começa devagar, depois aumenta e aumenta e depois (C1M).

No fim dessa fala, o entrevistado fez um gesto de elevação com as mãos, como se quisesse demonstrar que essa sensação de estar ativo o invade de modo crescente até um ponto ápice, ponto que o mesmo não conseguiu descrever com palavras.

Já a senhora C1F, ao tratar dos benefícios da dança em sua vida, igualou-a a um remédio muito necessário, daqueles que não poderiam faltar em nenhuma drogaria: “A dança pra mim é um remédio, eu preciso da dança por causa do meu problema”. A entrevistada se referia à fibromialgia, de diagnóstico bastante difícil, cujo tratamento, inclusive indicado pelo médico, seria a dança, e parece que funcionou. No começo da doença a entrevistada afirmou que teve dificuldades para

dançar, pois se sentia um pouco tonta, com muitas dores, e o parceiro reclamava por não saber da doença que a afligia. Atualmente a senhora C1F dança perfeitamente, mas o parceiro é quem está com um problema na perna, motivo pelo qual deixou de dançar por um tempo e ficou “depressivo”, segundo ela. O senhor C1M bebeu do mesmo remédio, a dança, e melhorou, porém sente-se um pouco limitado por não conseguir dançar mais cinco horas seguidas como costumava fazer, com pausas apenas para tomar água.

Como na vida, no salão ambos também tiveram que se adaptar um à limitação do outro e se reinventar. Afinal, como o senhor C1M brincou: “Mas também, eu não tenho mais cinquenta anos né?”. Ao ser questionado sobre a sintonia no salão de dança o senhor C1M respondeu: “É não sempre né. Às vezes porque eu danço diferente, às vezes ela tá cansada”. Porém, nas vantagens e desvantagens ambos afirmaram que se sentiam cúmplices, parceiros no salão, e parece que também na vida.

Ainda sobre a harmonia da dupla na dança de salão o senhor C1M se manifestou:

Se, mas depende não, nem toda música gosto de dançar. E quando forma a minha música e a parceira participa, eu nunca que vou cansar, mas quando eu danço e tenho que puxar a parceira, um pra lá e um pra cá, cansa.

Essa fala revela alguns fatores que influenciam no grau de harmonia dos parceiros na dança, e aponta algo referente ao conjunto da obra de arte: a parceira que dança com inteireza, a música que agrada aos sentidos e a disposição do cavalheiro resultam na harmonia e leveza da dupla na dança. Ambos também

indicaram a questão da conquista mútua, mencionada anteriormente, como fator importante e presente quando a dupla encontra-se em harmonia nos movimentos desempenhados na dança.

Com base nas informações expostas, pode-se inferir que o clima de conquista mútua e o sentimento de boa forma física também influenciam significativamente na qualidade e na fluidez dos movimentos da dança a dois. A harmonia, constituindo a fluidez e a integração dessa dupla, pode ser resumida na seguinte equação:

INTEIREZA DA DAMA + MÚSICA AGRADÁVEL + DISPOSIÇÃO DO CAVALHEIRO + SENTIMENTO DE BOA FORMA FÍSICA + CLIMA DE CONQUSTA MÚTUA = HARMONIA, FLUIDEZ E BOA INTEGRAÇÃO DA DUPLA.

Há outro fator que contribui substancialmente para a obra de arte da dança a dois tornar-se perfeita para os sujeitos da pesquisa: o clima do ambiente. A fala do senhor C1M permite evidenciar essa assertiva: “Não só dançar é essa turma, olhar os outros, beber, a música. Tudo isso é um prazer, não só a dança”. A senhora C1F corrobora a fala do parceiro quando afirma, referindo-se ao Clube Náutico Atlético Cearense:

É o ambiente. O grupo, as pessoas. Aquelas pessoas, eu não sei se você observou né, mas quando a gente chega ali todo mundo cumprimenta, te abraça. Aquele pessoal ali do grupo, eles têm uma simpatia pela gente, por nós dois, sabe. Eles sempre estão elogiando, aí um fala. . . .

Realmente a palavra prazer perpassou todo o discurso do casal, principalmente do senhor C1M. Indagados sobre o que ambos sentiam ao dançar ele repetia: “Prazer!”. O trecho da entrevista transcrito na continuidade demonstra isso:

Entrevistadora: O que significa a dança para vocês?

C1M: Prazer é. . . Prazer!

Entrevistadora: Prazer?

C1M: Sim! Acho que é isso.

Entrevistadora: O que é que o senhor sente quando dança?

C1M: Prazer!

Entrevistadora: E a senhora, o que a senhora sente quando dança?

C1F: A eu, muito feliz! E também a dança é um remédio.

O casal se entrega à vida cada vez que dança junto, principalmente na fase da velhice. Quando abordei o tema envelhecimento, o senhor C1M se referiu aos últimos 10 anos (dos 61-71), como os melhores anos de sua vida. E comentou: “É porque antes quando eu tenho família, tinha obrigação, tinha empresa. É não foi ruim, aposentado, pouco dinheiro, muita saúde (risos)”. Acrescentou também que ambos são privilegiados por terem condições socioeconômicas e saúde para usufruir da vida e salientou a importância de os idosos receberem assistência.

Considerando o exercício do conhecimento tácito, da empatia e da intuição, apresento também algumas percepções:

- Quanto a C1F, senti que havia vida em suas palavras. Eu percebi subtendido em seu discurso um quê de vaidade, de autoestima. A forma como deslocava o quadril, o ombro, a coluna ereta ao dançar era a forma como demonstrava sua feminilidade, sua sensualidade e sua autenticidade. Ela não demonstrava nenhuma preocupação com o que as outras pessoas iriam pensar ou falar, aquele momento da dança era o momento dela, somente dela, era só ela que brilhava.
- No discurso de C1M, por detrás do significado do prazer atribuído à dança a dois, ele também expressava satisfação por manter contato com o seu par. Vale ressaltar que o contato a que me refiro vai além da dimensão física, diz respeito ao momento no qual ele poderia se mostrar como era, com liberdade de ser. Quando ao dançar com sua parceira ele percebia que lhe proporcionava satisfação, também deixava transparecer sua sensação de virilidade.

Por meio das descrições das experiências capturadas na entrevista e nas observações participantes, cheguei ao resultado da obtenção dos significados atribuídos pelo referido casal à experiência de dançar a dois da seguinte forma: selecionei todas as sensações e sentimentos relacionados ao ato de dançar expressos pelos participantes da pesquisa por meio de palavras e de expressões corporais e os distribuí, separando o que foi expresso individualmente por cada participante e o que foi expresso pela dupla concomitantemente. Vale ressaltar que

tais sentimentos e sensações correspondem a fragmentos de experiências relacionadas aos significados atribuídos pela dupla à dança a dois.

A Tabela 4, a seguir, ilustra esse processo:

TABELA 4

Sentimentos e Sensações Expressos pelo Casal 1

Sentimentos e Sensações			
C1F	C1M	Dupla	
Admiração	Sente-se ativo	Sensação de bem-estar	Sensação de cumplicidade
Ânimo	Sente-se saudável	Timidez	Adrenalina
Sente-se curada	Sensação de boa forma física	Sensação de conquista	Sensação de autoestima elevada
Sensação de cansaço		Sensação de estar vivo	Sentimento de pertença e aceitação
Felicidade		Nostalgia	Prazer

Fonte: Elaboração da Autora (2015).

Posteriormente, busquei um significado ou um conjunto de significados que estivessem presentes e perpassassem todos - ou pelo menos a maioria - dos sentimentos e sensações capturados.

Levando em consideração os principais componentes que perpassam os sentimentos e sensações extraídos dos dados coletados, os principais significados atribuídos à dança a dois para a dupla são: prazer, alegria, adrenalina e cura. Creio que outra equação poderia resumir esses significados:

HARMONIA, FLUIDEZ E BOA INTEGRAÇÃO DA DUPLA + AMBIENTE ACOLHEDOR + CURA (a dança representa o remédio que cura) + ALEGRIA + ADRENALINA = ÁPICE DO PRAZER.

Casal 2 – Alegria de Viver!

Eu, se eu pudesse eu gritava para o mundo para as pessoas fazerem a mesma coisa que eu faço! (C2F).



FIGURA 4

Casal 2 – A Alegria de Viver! Acervo pessoal da Autora (2015).

Ao deparar com esse casal no campo, instantaneamente o que me chamou atenção foi a sua alegria. Trata-se de um casal muito bem-humorado, diga-se de passagem, que decidiu levantar a poeira da vida e se entregar aos prazeres da

dança.

O senhor C2M (67 anos) e a senhora C2F (62 anos) se conheceram em um baile de dança no Círculo Militar por intermédio de uma amiga em comum. Quando foram dançar juntos algo aconteceu, que o senhor C2M descreveu desta forma: “Acertemo o passo bem na hora! [sic]”. A partir daí a parceria de dança e uma duradoura amizade se concretizou, por causa da afinidade deles na dança e na vida.

Esses parceiros se encontram assiduamente para dançar juntos há quatro anos, mas o lugar de que eles gostam mesmo, que os dois frequentam todos os domingos, é o Clube Náutico. Nesse local eles desfrutam das tardes de domingo acompanhados de um bom som e ótimas companhias. As palavras da senhora C2F ilustram esse ponto: “É, aqui no Náutico eu já me sinto em casa. Porque quase todo mundo me conhece. As pessoas aqui tudo me conhecem, é uma família [sic]”. O senhor C2M complementa: “Quando não vem pergunta cadê fulano?”.

Para esses sujeitos, sair para o baile não significa só sair para dançar, significa também sair para encontrar amigos, para encontrar com pessoas que lhes querem bem, fortalecer os laços de convivência social. Na revisão teórica deste trabalho, Xavier et al. (2003) apontam para a importância dos recursos oferecidos pelo ambiente à pessoa idosa como um dos fatores determinantes para a vivência de uma velhice agradável, além de servirem como amortecedores diante da intensidade dos fatores estressantes.

A prática da dança de salão acaba sendo um pretexto para os sujeitos em questão saírem e reverem os amigos, servindo como um importante instrumento de socialização. Ao se referir a esse processo, C2M afirma: “Ave Maria! Eu danço com

uma, danço com outra. Eu não danço só com ela não”. Ao ser questionado sobre se a prática da dança de salão o ajuda a se aproximar das pessoas C2M respondeu: “Ora mais! Ajuda e muito! A gente conhece gente de longas datas”.

Além de favorecer a socialização, a dança de salão produz outros benefícios para a vida desses parceiros de dança, que se estendem ao âmbito físico, espiritual e psicológico, como relata a senhora C2F: “Faz bem a tudo! À mente, à alma, ao corpo. Tudo!”. Segundo C2M a dança serve inclusive como tratamento prescrito pelo médico: “Os médicos mandam a gente dançar, andar bastante. Graças a Deus que eu tive essa sorte até hoje”. A senhora C2F ainda complementa:

É um remédio também para a autoestima né, para a pessoa se sentir melhor, mais leve. Com certeza! Que eu me arrumo! Eu venho toda. Me sentindo assim a..., me sentindo bem né. E ainda tem os elogios. Eu não sei se estão mentindo (risos). O pessoal diz: como tá linda, como não sei o quê.

Nesse contexto, a prática da dança de salão produz benefícios diretamente relacionados à melhora geral da saúde desses sujeitos, considerada pelo senhor C2M um dos exercícios mais completos para o corpo. Segundo a senhora C2F a prática da dança previne doenças como a depressão, por exemplo, e a protege da solidão. Sobre isso ela relata:

Todo dia eu saio, eu vou para o SESC, às vezes eu danço lá . . . então eu tou sempre assim, porque se eu ficar dentro de casa o que é que eu vou levar, uma depressão! Então eu tenho que sair. Meus filhos já têm os afazeres deles né, tudo ocupado. Não têm tempo pra tá comigo, então eu tenho mais é que levantar o meu astral e sair mesmo.

Indagada sobre como se deu o envolvimento com a dança ao longo de sua vida a senhora C2F relatou que desde o falecimento do marido, há 15 anos, voltou a dançar. Sim, voltou, porque durante todo o tempo em que esteve casada deixou a dança de lado, pois o companheiro não dançava. Porém, mesmo assim, relatou que de vez em quando dançava com o filho mais velho e acrescentou: “Toda vida eu gostei de dançar, toda vida! Assim, sentia falta né claro, porque eu era acostumada no interior, eu voltava era com o sapato na mão e os pés cheio de calos”.

Ao ouvir o relato da companheira o senhor C2M complementou: “Lasquera! (risos) É, eu nunca parei de dançar não na minha vida. Casei, passei só uns 10 anos casado ou foi 12. Separei de novo. Mas continuo sempre com quem eu gosto”.

Sobre o seu envolvimento com a dança ao longo de sua vida o senhor C2M se mostra feliz porque nunca parou de dançar, começou a dançar aos 16 anos, em festas de forró, e até hoje se envaidece com o pique que mantém até os dias atuais: “Graças a Deus, eu tenho 67 anos, faço tudo o que me dá, faço tudo e graças a Deus eu nunca tive nada”. Continuar dançando até hoje como nos velhos tempos o faz sentir a mesma disposição que sentia quando garoto. Era nas festas de forró que conhecia pessoas, se aproximava das garotas e se divertia com os amigos.

Com muito bom humor e certa euforia o casal compartilha o quanto é feliz nessa fase de sua vida. Para eles, o estilo de vida que levam é a receita para a vivência de uma vida feliz. A senhora C2F relata:

Eu, se eu pudesse eu gritava para o mundo para as pessoas fazerem a mesma coisa que eu faço! Eu não vou dizer que eu saio à noite, que à noite também é muito violento, mas durante o dia, tem mais é que as pessoas procurar. Eu sou viúva, eu saio todo dia durante o dia.

Sempre com bom humor o senhor C2M completou: “Pratique os esportes, vai dançar, isso é que é bom. Eu me sinto feliz né. Feliz e não escondo nada! Vou pra todo canto”.

Essa felicidade dos dois, essa paixão pela dança que ambos demonstram, esses interesses em comum unem-nos. Em uma relação de amizade e de bem-querer recíproco a dança também se torna bem mais prazerosa. Ao serem questionados sobre se a boa relação de amizade que conservam repercute na harmonia da dança do casal o senhor C2M respondeu: “Mas é lógico!” e a senhora C2F confirmou: “Com certeza!”.

Indagados sobre se ambos sentem diferenças quando dançam com outras pessoas o senhor C2M respondeu: “Ah, muita diferença!” A senhora C2F complementou:

É porque nós dois já somos amigos, né? Há muito tempo. É diferente dançar com uma pessoa a primeira vez, né? Porque a primeira vez eu tenho que ver o ritmo dele, nós, não. A gente já se sente bem à vontade.

O casal atribui a característica de bastante leveza nos movimentos dançados à liberdade que sentem dançando juntos devido à boa relação de amizade que conservam.

Sobre a interação do casal na dança, eles se consideraram bem harmoniosos, relatando que não sentem dificuldades em alinhar a condução dele com a resposta dela aos passos. E ao serem questionados sobre a fluidez da dança a dois C2M ressaltou: “Boto é pra arrasar logo quando chego [sic]”. Sobre ritmos?

Preferem, como de se esperar, os mais animados e acelerados, segundo a senhora C2F, apesar de destacarem que dançam todos.

As afinidades em comum, a abertura para a vida e para as outras pessoas, a liberdade e aceitação entre eles e o bom humor marcante de ambos mais do que influenciam, ficam estampados na forma peculiar com que eles dançam. A fala da senhora C2F ilustra isso: “A gente dança brincando, mexe com um, mexe com outro, cumprimenta um, cumprimenta outro”. Tais características remontam ao estudo feito com idosos por Abreu et al. (2008), mencionado na revisão teórica deste trabalho, no qual concluíram que os praticantes de dança de salão são bastante motivados e apresentam características como ser solto, sentimento de liberdade e capacidade de se expressar significativamente por meio do corpo, traduzindo quebra da timidez.

A senhora C2F ainda expressou a sua paixão pela dança caracterizando-a como um dom de nascença:

É, mas quem gosta de dançar é porque gosta mesmo, viu. Não adianta a pessoa dizer assim: eu não danço, mas eu vou dançar. Eu acho que a pessoa já nasce com aquilo. Eu já nasci me rebolando! Chega aqui eu esqueço de tudo!

Ao definir o que sentem quando dançam juntos, ambos demonstram sentimentos similares e concepções próprias sobre o que é dançar a dois. O trecho da entrevista demonstra essa afinidade:

A2M: Eu só gosto de dançar junto! Eu não danço só não de jeito nenhum.

A2F: Eu acho assim que quando a pessoa, quando tem um par que dance bem, no ritmo, né? Em um mesmo ritmo, então eles se completam. É o ideal, né?

C2M: Completou os dois em um só.

Tratando-se dos significados que esses sujeitos atribuem à experiência de dançar a dois, extraídos das descrições das experiências, observações participantes e entrevista, segui o processo semelhante ao empregado nas análises do primeiro casal, objetivando a criação de um retrato das experiências compartilhadas. Selecionei os sentimentos e sensações dos sujeitos expressos individualmente e pela dupla concomitantemente ao se referirem à prática da dança de salão.

A Tabela 5, na continuidade, reúne as experiências em comento:

TABELA 5

Sentimentos e Sensações expressos pelo Casal 2

Sentimentos e Sensações			
C2F	C2M	Dupla	
Vaidade	Sente-se ativo	Euforia	Alegria
Sensação de preenchimento da vida	Sente-se sociável	Sentimento de autoestima elevada	Sentimento de complementaridade
Sensação de fuga da solidão	Sente-se leve	Prazer	Sentimento de pertença
Sensação de foco no tempo presente	Sente-se bem humorado	Felicidade	Sentem-se saudáveis
			Sensação de abertura à vida

Fonte: Elaboração da Autora (2015).

Levando em consideração os sentimentos e sensações atribuídos à dança a dois apresentados pela dupla em tela, foram extraídos significados relacionados de forma implícita e explícita a essas formas de expressão.

Identifiquei múltiplos significados atribuídos à dança como atividade promotora da saúde de uma forma holística, motor que alimenta a autoestima e o bom humor, instrumento de socialização, dom inato, combustível que gera euforia e alegria, atividade de lazer e entretenimento.

Casal 3 - Ensino para a vida!

Porque nós somos dois seres num corpo só, praticamente (C3M).



FIGURA 5

Casal 3 – Ensino para a Vida! Acervo pessoal da Autora (2015).

Eu tive a oportunidade de encontrar uma dupla muito rara, trata-se de um casal casado há 57 anos que dança junto há 61 anos, desde que começaram a namorar. O senhor C3M (85 anos) e a senhora C3F (77 anos) tiveram quatro filhos e uma união repleta de muito companheirismo e cumplicidade.

A primeira experiência que os dois tiveram na vida com a dança foi há muito tempo, e foi justamente em uma dança que eles se conheceram. A dança perpassou todo o processo de conquista do casal. A fala de C3M ilustra isso:

Já começamos a namorar dançando, debaixo de um pé de cajarana que o tio dela tinha em Iguatu, num piso batido de terra e levaram uma vitrolinha de véio, aquela vitrolinha que botava o disco de cera, que você não chegou nem a conhecer. Não é o vinil, é antes do vinil. E a gente fomos, fizemos assim, um dia um piquenique, pronto. Lá, nesse mesmo passeio, a gente já começou a dançar. Combinamos, depois do passeio, um cinema [sic].

A entrevistada C3F complementa: “A vitrola era manual, no sítio, nem energia tinha. Ele tinha me conhecido no dia anterior.” O senhor C3M ainda acrescentou: “E vi ela passar, e gostei, tava muito bonitinha, quinze anos. Era bem bonitinha. Quinze anos! Ela tá bonita ainda. Mas naquela época ainda era mais”.

Ao relatar os detalhes de como se conheceram, a memória da dança perpassava sempre os discursos carregados de emoção e também de certa nostalgia. Ambos começaram a namorar muito jovens e desde então compartilham não somente a dança, mas a vida. As palavras de C3M demonstram isso:

Você parece que nasce já predestinado àquele fim que você dá pra viver com outra pessoa na sua vida. E quando outra pessoa comunga com você, tá entendendo? Do mesmo sentimento, quer dizer, do mesmo . . . é o nosso caso, é a tal alma gêmea. Porque nós somos dois seres num corpo só, praticamente. Porque não tem graça sair sem ela, não tem graça ela sair sem mim. Ela nunca saiu sem mim. Eu nunca saí sem ela.

É importante ressaltar que a história dessa relação duradoura, que começou a existir a partir de uma dança, foi e é constantemente alimentada pela prática da dança a dois. A dança alimentou a conquista primeira do casal, assim como alimenta o casamento. O trecho da entrevista demonstra essa questão:

Entrevistadora: A dança une vocês dois?

C3F: Une, com certeza.

C3M: E como une.

C3F: E eu aconselho. Já tenho conversado com vários casais até sobre isso, sabe? Eu digo: olhe, a dança é o melhor remédio para o tempo. Assim, pra um casal de muito tempo de casado, pra fugir da rotina. E ajuda, como ajuda, como une o casal!

Parece-me que essa parceria na vida também tem suas repercussões na harmonia dos movimentos dançados a dois. O tempo de duração da relação, a qualidade dessa relação, a intimidade do casal repercute em uma harmonia na dança invejável. O casal demonstra uma empatia profunda ao dançar de modo que as conduções dadas pelo cavalheiro são imediatamente seguidas pela dama, sem a menor hesitação, sem a menor dúvida. Essa intimidade na dança vai além, o casal dá vazão à dimensão criativa da arte e chega a criar novos passos, revestindo a dança a dois de uma identidade única.

O senhor C3M retrata essa questão:

Então nós dançamos, e aonde a gente vai, geralmente a gente desperta a atenção das pessoas, porque nós, modéstia à parte, nós dançamos bem, porque nós dançamos há de sessenta anos, praticamente. . . . é muita intimidade, é muita aproximação, viu? E isso nos deixa muito felizes.

Um trecho da entrevista também demonstra a presença desse entrosamento profundo na dança:

C3M: A gente já sabe, quando começa, que passos vai dar, o que vai fazer, porque é tanto tempo, que a gente automaticamente já faz, e parece que não tá nem fazendo nada. Aquilo vem normalmente por causa do tempo que a gente tem de convivência, e a gente dança muito mesmo.

Entrevistadora: Acontece de ele dar uma indicação de um passo e você fazer outro?

C3M: Muito difícil.

C3F: Olha, muito difícil.

C3M: É porque a gente, propriamente, a gente já tá tão acostumado a fazer.

C3F: É porque é muitos anos, né? A gente já fica posicionado.

C3M: Os determinados passos que a gente sabe fazer, porque temos passos que nós fazemos, que nem dançarino faz. São coisas criadas por a gente mesmo.

C3F: São coisas próprias, né? Da gente.

Nesse processo de empatia profunda experimentado por esse casal na dança, a ponto de até criarem novas figuras, identifiquei características do nível da unidade na relação apresentado por Bowen (1991) na revisão teórica deste trabalho, como a de ambos experimentarem e compartilharem o mesmo mundo ao mesmo tempo e a questão da imersão na relação.

Na minha experiência com meu parceiro de dança apresentada no tópico “A arte da dança a dois: uma experiência de vida” eu relatei sentir a presença da intuição “como forma elevada de empatia” (Bowen, 1992, p. 15) no nível da unidade na relação, pois percebi entre mim e meu parceiro um nível rebuscado de entrosamento nas percepções das sutilezas na comunicação dos corpos, e isso deu vazão para que liberássemos a nossa criatividade, inclusive criando novos passos.

Ao adentrar na descrição da experiência do casal em questão identifiquei características comuns, o que não significa que sejam iguais, às da minha experiência com meu parceiro de dança, exatamente no momento em que evidenciamos que a nossa comunicação funcionou e se aprofundou. Uma dessas características é a liberação da dimensão criativa da arte e a presença da intuição, que se traduz na hipersensibilidade da dama às conduções recebidas pelo cavalheiro a ponto de respondê-las antes de se manifestarem efetivamente.

Ora, se eles relataram que quase nunca divergiram em relação à condução manifestada e recebida ao dançar, e que criam juntos novas figuras no momento em que dançam, fica clara para mim a presença da hipersensibilidade da idosa em questão às conduções do marido e parceiro. Outro ponto que merece destaque é que a dupla relatou que juntos criam novos passos, não somente o cavalheiro. Pela minha experiência, para que essa criação ocorra sem quase nunca haver

divergências na comunicação dos corpos entre condução manifestada pelo cavalheiro e recebida pela dama, haverá de ter a presença da intuição como elevação da empatia como afirma Bowen (1992) na teoria deste trabalho.

Em meu relato, com um tempo considerável de parceria com uma pessoa só e gozando de certo entrosamento e técnica, acredito que a nossa comunicação adentrou em um nível elevado, de unidade, em alguns momentos. Fico refletindo se esse casal, com nada menos do que 62 anos de parceria, tanto nos salões de dança quanto nos salões da vida, gozando não somente da técnica, mas da abertura à dimensão criativa da arte, aceitando incondicionalmente um ao outro, não teria adentrado muito mais profundamente e em grau muito mais elevado no nível da unidade valendo-se da intuição.

Eles se movimentam no salão com uma leveza semelhante à das grandes bailarinas profissionais nos palcos, como se ali não fossem mais dois, mas um corpo somente. O carinho, o amor, a consideração e o respeito que ambos têm um pelo outro se evidenciam na dança, confirmando as ideias de Vianna (2005) quando afirmou que a dança traz à tona a importância do movimento como via de manifestação do homem, do mundo e da vida.

Questionados sobre o que sentem quando dançam juntos C3F respondeu: “Nós não dançamos sós, pra começo de conversa. Eu não sinto a menor vontade, nem eu sei dançar com ninguém. Só com ele”. O senhor C3M acrescentou:

A gente sente um prazer imenso quando dança. E por isso, não sei por que, aonde a gente a gente chega, a gente chama a atenção, o pessoal bate palma, é aquela história toda. E a gente fica muito vaidoso.

Nesse contexto, ao tratar dos benefícios da prática da dança de salão na vida dos participantes da pesquisa, alguns foram realmente além do que eu encontrei na literatura, disposta na parte teórica deste trabalho. Isso porque, além de resultar em mais união e alegria para a vida do casal, que todos os fins de semana pratica um *hobby* juntos, de contribuir positivamente para a saúde, por ser um dos exercícios mais completos, segundo o senhor C3M, e de possibilitar o aumento da autoestima do casal, ainda lhes trouxe alegria e vontade de viver, ajudando-os a superar a perda de uma filha. Realmente, uma consequência como essa da dança na vida dos que a praticam eu confesso que não tive a oportunidade de encontrar, nem na literatura e tampouco na vida.

Sobre isso a senhora C3F desabafa:

Nós perdemos uma filha não faz um ano ainda, entendeu? Deus levou, ela tinha cinquenta e quatro anos. Mas com três meses que ela tinha falecido a gente já voltou a dançar, justamente porque a gente sentiu necessidade. A falta da minha filha é uma coisa irreparável. A gente sente muita falta dela, muita saudade, foi um câncer muito violento. Ela tava sofrendo muito, e a gente preferiu realmente que tivesse acontecido o que aconteceu. Foi melhor pra ela. Mas a gente voltou a nossa vida normal, porque eu acho o seguinte: que se a gente fosse ficar em casa, seria pior.

Em seguida eu questionei o casal sobre se a prática da dança ajudou a salvá-los da tristeza, e ambos responderam afirmativamente, com convicção. Pude compreender que a partir dos salões de dança o casal aprendeu a dançar em um passo só e conforme a música nos inesperados salões da vida. Juntos, tentam superar uma dor que não tem nome, “irreparável”, como a senhora C3F colocou.

Em meio à dor e à tristeza, experimentar da felicidade novamente, a meu ver, é uma vitória que não tem preço e nem medida. A senhora C3F expressa isso:

Eu me sinto feliz dançando, realizada. Ele também. Nós podemos tá com o problema que tiver, a gente sai para dançar, a gente espairece. Eu acho assim, que é uma terapia. Além de ser uma coisa muito prazerosa e gostosa, é uma terapia.

Posso inferir, a partir desse exemplo, que a dança de salão praticada em um ambiente prazeroso e em um clima de aceitação mútua tem efeito terapêutico eficaz e curativo. O casal que compartilha junto da dor, da alegria e do amor encontrou nos salões de dança um incentivo para seguir em frente. A fala da senhora C3F expressa isso: “A gente preenche bem a nossa vida. A semana é na luta do dia a dia, de casa e tudo. Mas no fim de semana a gente sempre gostou de sair, de dançar. O nosso *hobby* é dançar”. O senhor C3M também complementa: “É uma coisa que a gente vai morrer dançando. Eu digo morrer é quando a gente partir. Os dois têm que dançar. Eu não sei se eu vou aguentar dançar com outras mulheres, se ela morrer primeiro”.

O casal, com o seu estilo próprio, dança vários ritmos como xote, samba, baião, bolero, samba-canção, e ambos também caracterizaram a dança como um vício positivo, um benefício, algo gratificante, prazeroso, que fortalece a autoestima. A fala do senhor C3M expressa esses significados: “Nós estamos no *youtube* dançando o bolero *Besame Mucho*. Ganhamos duas medalhas, foi um negócio bom danado! Assim, o ego da gente fica totalmente renovado”. A fala da senhora C3F expressa a sensação de estar viciada de forma positiva pela dança: “Nós tivemos quatro filhos e as gravidezes nunca me empataram de dançar. Eu sempre gostei, e

ele também sempre gostou. A gente adora dançar! Todo fim de semana a gente dança, sempre que tem oportunidade”.

O senhor C3M ainda considerou o ato de dançar como algo que vem do âmagô, da essência deles, e complementou: “Olha, aquele espinho que fura, ele traz a pontinha desde novinho”.

Na tentativa de apreender os significados atribuídos pelo referido casal à experiência de dançar a dois proporcionada pela dança de salão, decidi fazer uma extração dos sentimentos e sensações que a dupla atribuiu à dança, representando partículas de experiências, durante todo o processo de entrevista e observações participantes, objetivando a identificação dos significados implícitos entre eles.

Nesse caso, pude constatar que as experiências do casal em relação à dança e à vida se fundiam de tal forma que não consegui visualizar dois retratos compreensivos de experiências individuais, razão pela qual retratei todos esses sentimentos e sensações em uma só experiência, a da dupla, na Tabela 6, apresentada a seguir:

TABELA 6
Sentimentos e Sensações expressos pelo Casal 3

Sentimentos e Sensações			
C3F	C3M	Dupla	
-	-	Felicidade	Prazer
-	-	Alegria	Sensação de estar viciado
-	-	Nostalgia	Sensação de gratificação
-	-	Vaidade	Sensação de autoestima elevada

-	-	Gratidão	Sensação de superação
-	-	Empatia/Intuição	Sensação de conquista mútua
-	-		Sensação de "satisfação enorme"

Fonte: Elaboração da Autora (2015).

Os significados atribuídos pelo casal 3 à experiência de dançar a dois mediante a dança de salão, que perpassaram todas essas partículas de experiências, foram terapia, um benefício, incentivo para viver, motor de fortalecimento da autoestima, autorrenovação, união e entrosamento, exercício, lazer e entretenimento.

8 Considerações Finais

Na contemporaneidade, onde não se é priorizado o tempo para o fortalecimento dos vínculos humanos, considero a atitude de dançar a dois o puro desfrute da intimidade. Para mim, pesquisar sobre os significados que os idosos atribuem à experiência de dançar a dois é também pesquisar sobre os significados que eles atribuem à vida e à experiência de envelhecer com dignidade. Neste sentido, penso que é válido tecer reflexões acerca dos principais resultados encontrados no presente estudo.

Dentre os significados que os sujeitos da pesquisa atribuíram à experiência de dançar a dois, constatei algumas semelhanças como a de que todos os participantes da pesquisa demonstraram atrelar a atividade de dançar a dois ao prazer e à alegria. Todos os sujeitos falaram da sua história com a dança com alegria e saudade, sempre lembrando de tempos em que eram jovens.

O prazer e a alegria perpassaram tanto os discursos dos sujeitos da pesquisa acerca da dança, como suas expressões corporais ao longo dos movimentos dançados a dois. Tais elementos demonstrados pelos mesmos atribuíram um caráter de leveza aos movimentos desempenhados.

Outro significado que se destacou e foi expresso pela totalidade dos sujeitos da pesquisa, foi o caráter de cura que foi atribuído à dança. A dança foi colocada em um patamar de atividade fortemente promotora da saúde, tanto enquanto remédio que cura, quanto como tratamento ou terapia.

O primeiro casal apresentou o testemunho da dança como fonte de cura para algumas doenças que os afetaram bastante, o segundo casal, como fator

protetor contra doenças, principalmente a depressão e o terceiro casal, como instrumento de auxílio no combate à tristeza e na superação de uma grande perda recente.

Pude constatar que a prática da dança de salão em um ambiente acolhedor, entre parceiros que sentem liberdade de contato e que mantêm uma relação de intimidade e aceitação mútua, adquire um caráter curativo. A cura se potencializou, numa perspectiva holística, na medida em que os sujeitos da pesquisa se sentiam mais aceitos e acolhidos entre os pares.

Outro fator chave que perpassou todos os significados extraídos dos sujeitos em tela, foi o de que a dança funcionou como via e alimento para a autoestima dos mesmos. Para os participantes da pesquisa, a dança funcionou como um gancho que os puxou para a vida em uma fase marcada por perdas em vários sentidos. Por meio do corpo envelhecido em movimento e do encontro com o outro, esses sujeitos sentiam que ainda gozavam de beleza, e de uma sexualidade que ainda estava viva, acesa. Eles sentiam, a cada vez que dançavam a dois, a chama do amor próprio e da autoconsideração positiva se reacender.

Definitivamente, esse foi o principal benefício da prática da dança de salão na vida de todos os idosos investigados: um aumento significativo na autoestima. Tal constatação confirma os achados do estudo realizado por Cunha et al. (2008) mencionado na parte teórica deste trabalho no qual 13 idosas que praticam dança de salão em uma academia de dança em Fortaleza-CE foram investigadas. Tal estudo concluiu que a prática dessa modalidade de dança produzia como principal benefício um aumento significativo na autoestima de todas as participantes da pesquisa.

Há também algumas peculiaridades que merecem ser consideradas a fim de enriquecer o estudo como a de que as três duplas de dança investigadas conheceram um ao outro em salões de dança, confirmando o caráter socializador da dança de salão apresentado na parte teórica deste trabalho pelos autores Abreu, Pereira & Kessler (2008) que denominaram essa modalidade de dança de dança social. Os autores (Fonseca et al., 2012) também ressaltaram que possíveis dificuldades de sociabilização podem ser superadas ao se dançar a dois,

Vale ressaltar que para o casal 2, que mantém uma relação de amizade, a dança tanto fortalece o vínculo entre eles como funciona como via de socialização com outras pessoas.

No caso dos casais, tanto o que tem uma relação de casamento (casal 3) como o que tem uma relação de namoro (casal 1) relataram que a dança os une, os aproxima, em nível corporal e psicológico. Dessa forma, a dança alimenta o romance dos casais e lhes desperta os sentidos, no toque do corpo e no cruzamento de olhares.

Outra peculiaridade que me chamou a atenção foi a de que dois dos seis sujeitos pesquisados falaram que a dança é um dom de nascença, uma predestinação, algo que lhes é inerente à existência, confirmando um sentimento de vocação para dança. É importante considerar também que quatro dos seis sujeitos se referiram à dança de salão como algo viciante e todos demonstraram uma espécie de paixão e até amor por essa arte.

Ao refletir sobre o que leva esses idosos a considerá-la uma espécie de vício cheguei à conclusão de que em sendo a dança de salão uma atividade física, praticada em concomitância com a música, proporciona a liberação no corpo de

substâncias que dão a sensação de prazer. Além disso, se caracteriza por ser uma dança que aproxima as pessoas, preenchendo anseios do ser humano de contato com o outro.

Tratando-se do entrosamento das duplas de dança investigadas, o casal que se entrosou mais profundamente, em minha análise, foi o que deu maior vazão à dimensão criativa da arte, contudo, todos os casais demonstraram uma identidade bastante peculiar na forma de dançar.

Além do mais, constatei que a técnica influencia positivamente na harmonia da dupla na dança, que se manifestou de forma mais forte nos casais que demonstravam ter uma maior relação de intimidade e harmonia na vida.

Mediante as nuances que envolvem os salões de dança os cavalheiros cortejavam e as damas eram cortejadas, em um movimento de mútuo encontro, de múltiplas experiências compartilhadas. Experiências, quantas experiências de vida essa pessoas carregam em seus corpos, em suas rugas e em seus cabelos brancos. Experiências que se transformam em sabedoria, sabedoria de viver o hoje, o tempo presente, pois não se sabe o amanhã. Sabedoria de dar um sentido maior para a vida e se abrir para o outro. Sabedoria de ser um com o outro, espantando a tristeza, o desânimo e a solidão.

Cada sujeito trazia nos movimentos da dança a dois as marcas das memórias de vida, da potência de vida. Traziam também a dança como componente importante nas histórias de vida de cada um. Se eu pudesse resumir em uma palavra todos os significados atribuídos à dança por essas pessoas que eu tive o prazer de encontrar, essa palavra seria VIDA!

9 Síntese Criativa

Foi esse o caminho que eu escolhi, o caminho da arte do saber da experiência. E foi com eles, com os idosos, que eu resolvi aprender.

Confesso que não foi um caminho fácil de ser trilhado, exigiu de mim muitas renúncias, muito suor, e principalmente muita coragem para deparar comigo mesma, me expor e me deixar afetar pelo campo e pela vida. Como coloca Larrosa (2002), é incapaz de experiência o ser que não se expõe, com tudo o que essa escolha acarreta de risco e vulnerabilidade.

Ao entrar no campo, me senti extremamente tocada pela música, pelo ambiente e pelas cenas de amor, respeito mútuo e alegria no salão. Assim que eu pus os pés naquele local me veio a lembrança do meu querido avô José Vasconcelos (em memória), o saudoso Murici, dançando com a minha avó, a formosa Dizinha, com quem completou 70 anos de casado e com quem dançou todos os ritmos naqueles salões do Náutico, e também nos salões da vida.

Sim, eu me deixei afetar por essas fortes lembranças. Lembranças das últimas bodas dos meus avós, em que meu querido Murici já estava com a saúde debilitada e parece que estava somente esperando por esse grande evento para ir ao encontro do Pai. Nessas bodas eu quis dar-lhes um presente e apresentei um número de tango, que se chama “Pavadita”, com o meu querido parceiro e companheiro de dança Italo Brasil. E ao final da apresentação, lá estava o “meu velho”, tão orgulhoso e emocionado. Ao escutarmos o bolero, convidamos para dançar e abrimos o salão de dança, numa dança da despedida, a dança mais emocionante da minha vida. A partir daí ele dançou essa mesma dança da

despedida com todas as filhas, netas, e até bisnetas, que cobiçavam aqueles passos cansados, aquela cabeça branca, aquele semblante acolhedor. Tal momento ficaria eternamente gravado na memória de todos.

O meu querido avô, já na sua nona década de vida, dançou a dança da despedida também com a minha avó. Quanta harmonia e cumplicidade esse casal tinha! Meu velho Murici era também poeta, cantor, declamador e exímio contador de histórias. De voz e personalidade marcantes, por onde andou deixou saudades. Ele chegou a publicar inúmeros livros de poesia, dentre as quais sempre declamava um verso especial à minha avó: “mulher de pernas tão lindas, cabelos bem negros brincando com o vento” (Vasconcelos & Bianca, 1991, p.13).

Deixei-me afetar ainda por outras lembranças que me invadiram a consciência, como a do meu querido e carinhoso avô Darci Correia, hoje em memória. Lembrei-me de momentos marcantes ao seu lado como quando eu, ainda criança, pisava nos seus pés, deixando que me conduzisse com passos de dança pela sala de sua casa, bem ao lado de um grande piano. A emoção e a saudade forte tomaram conta de mim naquele salão de dança.

Em meio à exposição a essas lembranças, deixei cair todas as minhas resistências, imposições ou suposições e verdadeiramente me entreguei à experiência de me deixar tocar por tantos discursos marcantes e profundos.

Naquele ambiente, ouvi relatos de idosos que em dias comuns tomam muitos remédios e têm uma rotina muito restrita, mas que nos dias das práticas de dança se esquecem de tudo, não tomam medicamento nenhum. Observei dançarinos contratados, que dançavam horas a fio e com paixão, como se aquela fosse sua última dança. Presenciei um bisneto e uma bisavó compartilhando dos mesmos

passos de dança, ao mesmo tempo e no mesmo ritmo. Conversei com um senhor com mais de oito décadas de vida que arriscava passos de samba de gafieira pelo salão com a sua melhor roupa, e diante de alguns complexos de inferioridade que o perseguiram, se sentia lisonjeado porque ainda era bem requisitado pelas damas para dançar. Nesse momento pensei: “Mas a vida é tão simples!”.

Conversei ainda com uma simpática senhora que me contou a sua história com o câncer, na qual recebeu do médico um veredicto de apenas mais três meses de vida e uma lista de restrições. Com um humor implacável ela lhe perguntou quando finalmente iria poder namorar. Ela se decidiu pela vida, e já segue assim há 10 anos. Presenciei também uma cena marcante - quando o baile parou e, em silêncio, todos se deram as mãos para rezar por uma senhora que lá frequentava assiduamente e que fora covardemente assassinada.

As pessoas que ali compartilhavam os salões da dança e da vida se decidiam a cada instante, a cada música dançada, a cada brincadeira vivenciada com os amigos, a cada pose de final de dança desempenhada, a cada troca de olhares, pela vida. A vida era o objetivo comum de todos, era no sentido da vida que o fluxo giratório dos pares no salão se movia.

Nessa caminhada de pesquisa, repleta de desafios, me percebi, enquanto pesquisadora, girando naquele salão em direção à vida. Nesse processo, dei-me conta de que não existe evolução sem dor, não existe renascimento sem morte e não existem vitórias sem lutas. Aprendi, finalmente, que a vida é surpreendente!

A seguir uma ilustração que para mim representa o salão da vida no Clube Náutico Atlético Cearense:



FIGURA 6
Salão da Vida. Acervo pessoal da Autora (2015).

Para mim, este salão reflete a vida em movimento, o mergulho no momento presente, uma experiência de entrega a dois.

Referências

- Aalten, A. (2004). The moment when it all comes together: embodied experiences in ballet. *European Journal of Women's Studies*, 11(3), 263-276. doi: 10.1177/1350506804044462
- Abreu, E. V., Pereira, L. T. Z., & Kessler, E. J. (2008). Timidez e motivação em indivíduos praticantes de dança de salão. *Revista da Faculdade de Educação Física da UNICAMP*, 6(esp.), 649-664.
- Almeida, D. D., & Pereira, M. T. F. (2013). As Corporalidades do Trabalho do Bailarino: Entre a Exigência Extrema e o Dançar com a Alma. *Anpad*, 17(6), 720-738.
- Altman, M. (2011). O envelhecimento à luz da Psicanálise. *Jornal de Psicanálise*, 44(80), 193-206.
- Baltes, P. B., & Baltes, M. M. (1990). Psychological perspectives on successful aging: The model of selective optimization with compensation. In: P. B. Baltes & M. M. Baltes (Eds). *Successful aging. Perspectives from behavioral sciences* (pp. 1-34). Cambridge: Cambridge University Press.
- Bauman, Z. (1998). *O mal-estar da pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Bauman, Z. (1999). *Globalização: as consequências humanas*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Bauman, Z. (2014). Medo e modernidade líquida. *Mente e Cérebro*, 21(261), 38-45.
- Beriain, J. (1997). El triunfo del tempo: representaciones culturales de

- temporalidades sociais. *Revista Política y Sociedad*, Madrid, 25, 101-118.
- Bondia, J. L. (2002). Notas sobre a experiência e o saber de experiência. *Revista Brasileira de Educação*, (19), 20-28.
- Bowen, M. C. V. (1991). *Intuition and the person-centered approach*. Paper presented at the 2nd. ICCCEP Conference, Stirling, England.
- Bowen, M. C. V. (1992, não publicado). *Three levels of empathy*.
- Branco, P. C. C. (2008). Organismo: tendência atualizante e tendência formativa no fluxo da vida. In F. S. Cavalcante & A. F. Sousa (Orgs.). *Humanismo de Funcionamento Pleno: tendência formativa na abordagem centrada na pessoa* (pp. 65-95). Campinas, SP: Alínea.
- Buber, M. (1979). *Eu e Tu*. São Paulo: C & M.
- Carpe diem*. (2015). In *Língua Portuguesa com Acordo Ortográfico*. Porto: Porto Editora. Recuperado em 17 fevereiro, 2015, de [http://www.infopedia.pt/\\$carpe-diem](http://www.infopedia.pt/$carpe-diem).
- Carvalho, T., Gonzales, A., Sties, S., & Carvalho, G. (2013). Reabilitação Cardiovascular, Dança de Salão e Disfunção Sexual. *Ponto de Vista*, 106-108.
- Cavalcante, F. S. (2008). Psicologia humanista experiencial. In F. S. Cavalcante, & A. F. Sousa (Orgs.), *Humanismo de Funcionamento Pleno: tendência formativa na abordagem centrada na pessoa* (pp. 21-43). Campinas, SP: Alínea.
- Ciola, G., Teixeira, C. V. L., & Salve, M. G. (2011). Dança de Salão: promoção da qualidade de vida em idosos. *Ciência em Movimento*, 12(25), 55-61.

- Correa, M. R. (2009). *Cartografias do envelhecimento na contemporaneidade: velhice e terceira idade*. São Paulo: UNESP.
- Cunha, M. L., Landim, F. L., Lima, M. F. C., Vieira, L. J. E. S., Mesquita, R. B., & Collares, P. M. (2008). Dança de Salão: repercussões nas atividades de vida diária. *Caderno de Saúde Coletiva*, 16(3), 559-568.
- DEBERT, G. G. (1999). *A reinvenção da velhice: socialização e processos de reprivatização do envelhecimento*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, FAPESP.
- Douglas, B., & Moustakas, C. E. (1985). Heuristic Inquiry. The Internal Search to Know. *Journal of Humanistic Psychology*, 25(3), 39-55.
- Fleck, M. P. A., Leal, O. F, Louzada, S, Xavier, M, Chachamovich, E, Vieira, G, Santos, L, & Pinzon, V (1999). Desenvolvimento da versão em português do instrumento de avaliação de qualidade de vida da OMS (WHOQOL-100). *Revista Brasileira de Psiquiatria*, 21(1), 19-28.
- Fonseca, C., Vecchi, R., & Gama, E. (2012). A influência da dança de salão na percepção corporal. *Motriz*, 18(1), 200-207.
- Fux, M. (1983). *Dança, experiência de vida*. São Paulo: Summus.
- Gil, A. C. (2008). *Métodos e técnicas de pesquisa social*. São Paulo: Atlas.
- Goldfarb, D. C. (1998). *Corpo, Tempo e Envelhecimento* (Dissertação de Mestrado em Psicologia Clínica, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Brasil).

- Golse, A. (2001). De la médecine de la maladie à la médecine de la santé. In P. Artières, & E. da Silva (Orgs.), *Michel Foucault et la médecine. Lectures et usages* (pp. 273-300). Paris: Éditions Kimé.
- Gonzaga, L. (1996). *Técnicas de dança de salão*. Rio de Janeiro: Sprint.
- Guimarães, A. C. A., Pedrini, A., Matte, D. L., Monte, F. G., & Parcias, S. R. (2011). Ansiedade e parâmetros funcionais respiratórios de idosos praticantes de dança. *Fisioterapia em Movimento*, 24(4), 683-688.
- Guimarães, A. C. A., Simas, J. P. N., & Farias, S. F. (2003). Dança como uma contribuição para a qualidade de vida. *Revista Cinergis*, 4(1), 29-37.
- Haddad, E. G. M. (1986). *A ideologia da velhice*. São Paulo: Cortez.
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). (2012). *Síntese de indicadores sociais: Uma análise das condições de vida da população brasileira*. Rio de Janeiro.
- José, J., & Teixeira, A. R. (2014, janeiro/março). Envelhecimento Ativo: contributo para uma discussão crítica. *Análise Social*, 210(49). ISSN ONLINE 2182-2999.
- Laban, R. (1990). *Dança educativa moderna*. São Paulo: Ícone.
- Lefevre, F., & Lefevre, A. M. C. (2007a). *Promoção de Saúde: a negação da negação*. Rio de Janeiro: Vieira & Lent.
- Lefevre, F., & Lefevre, A. M. C. (2007b). Saúde como negação da negação: uma perspectiva dialética. *Physis: Revista de Saúde Coletiva*, 17(1), 15-28.

Lei nº 10.741, de 1º de outubro de 2003. Dispõe sobre o Estatuto do Idoso e dá outras providências. DOU de 3.10.2003. Brasília: Casa Civil da Presidência da República.

Lipovetsky, G., & Charles, S. (2004). *Os tempos hipermodernos*. São Paulo: Barcarolla.

Luz, M. M. C., & Amatuzei, M. M. (2008). Vivências de felicidade de pessoas idosas. *Estudos de Psicologia*, 25(2), 303-307.

Maciel, J. C. (2004). *A ciência psicológica em primeira pessoa: o Sentido do Método Heurístico de Clark Moustakas para a Pesquisa em Psicologia* (Tese de Doutorado, Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas, SP, Brasil).

Miller, J. (2012). *Qual é o corpo que dança: dança e educação somática para adultos e crianças*. São Paulo: Summus.

Minayo, M. C. S. (2010). *O Desafio do Conhecimento: Pesquisa Qualitativa em Saúde* (12a ed.). São Paulo: Hucitec-Abrasco.

Moreira, J. O. (2012). Mudanças na percepção sobre o processo de envelhecimento: reflexões preliminares. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 28(4), 451-456.

Moreira, V., & Nogueira, F. N. N. (2008). Do indesejável ao inevitável: a experiência vivida do estigma de envelhecer na contemporaneidade. *Psicologia USP*, São Paulo: Universidade de São Paulo, 19(1), 59-79.

Motta, A. B. (2002). Envelhecimento e sentimento do corpo. In M. C. S. Minayo, & C. E. A. Coimbra Jr. (Orgs.), *Antropologia, saúde e envelhecimento* (pp. 37-50). Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ. Isbn: 85-7541-008-3

Moustakas, C. E. (1990). *Heuristic Research: Design, Methodology, and Applications*. Newbury Park: Sage Publications.

Neri, A. L. (2007). *Qualidade de vida na velhice: enfoque multidisciplinar*. Campinas: Alínea.

Neves, N. (2008). *Klauss Vianna: estudos para uma dramaturgia corporal*. São Paulo: Cortez.

Organization for economic cooperation and development (2000). *Reforms for an Ageing Society*. Paris: OECD.

Organização Mundial da Saúde. (1946). *Constituição da Organização Mundial da Saúde (OMS/WHO)*. Biblioteca Virtual de Direitos Humanos, Universidade de São Paulo (USP). Recuperado em 6 maio, 2014, de <http://www.direitoshumanos.usp.br/index.php/OMS-Organiza%C3%A7%C3%A3o-Mundial-da-Sa%C3%BAde/constituicao-da-organizacao-mundial-da-saude-omswho.html>.

Organización Mundial de la Salud. (2001). *Salud y envejecimiento: um documento para el debate: versión preliminar*. Madrid: Instituto de Migraciones y Servicios Sociales.

Papaléo, M., Yuaso, I. R., & Kitadai, F. T. (2005). Longevidade: desafio no terceiro milênio. *O mundo da Saúde*, 29(4), 594-607.

- Pinheiro, K. F., Rhoden, I., & Martins, J. C. (2010). A experiência do ócio na sociedade hipermoderna. *Mal-estar e Subjetividade*, 10(4), 1131-1146.
- Ried, B. (2003). *Fundamentos de Dança de Salão*. Londrina: Midiograf.
- Rogers, C. (1975). *Carl Rogers: o homem e suas idéias*. Nova York: E.P. Dutton.
- Rogers, C. (1983). *Um jeito de Ser*. São Paulo: EPU.
- Rogers (1995). *Tornar-se pessoa*. (5ª. ed.). São Paulo: Martins Fontes.
- ROLIM, F. S.; FORTI, V. A. M. Envelhecimento e Atividade Física: auxiliando na melhoria e manutenção da qualidade de vida. In: DIOGO, M. J. D.; N. A.L.; CACHIONI, M. (Orgs.) *Saúde e Qualidade de Vida na Velhice*. Campinas: Alínea.
- Rowe, J. W., & Kahn, R. L. (1998). *Successful aging*. New York: Pantheon/ Random House.
- Sad, I. (2001). Revisão de vida, autoconhecimento e autoaceitação: tarefas da maturidade. In A. L. Neri. *Desenvolvimento e envelhecimento: perspectivas biológicas, psicológicas e sociológicas* (pp. 53-69). São Paulo: Papirus.
- Schneider, K., Bugental, J. F. T., & Pierson, J. F. (2001). *The handbook of humanistic psychology*. Thousand Oaks: Sage.
- Silva, L. R. F. (2009). Autonomia, imperativo à atividade e máscara da idade”: prerrogativas do envelhecimento contemporâneo? *Psicologia & Sociedade*, 21(1), 128-134.

- Silva, H. S., Lima, A. M. M., & Galhardoni, R. (2010). Envelhecimento bem-sucedido e vulnerabilidade em saúde: aproximações e perspectivas. *Interface – Comunicação, Saúde e Educação*, 14(35), 867-877.
- Silverman, D. (2009). *Doing Qualitative Research*. London: Sage Publications.
- Smith, S. S. (2008). Heuristic Research: A Review and Critique of Moustakas's Method. *Journal of Humanistic Psychology*, 42(3), 53-88.
- Sousa, L., Galante, H., & Figueiredo, D. (2003). Qualidade de vida e bem-estar dos idosos: um estudo exploratório na população portuguesa. *Revista Saúde Pública*, 37(3), 364-371.
- Souza, E. R.; Minayo, M. C. S.; Ximenes, L. F. & Deslandes, S. F. (2002). O idoso sob o olhar do outro. In: *Antropologia, Saúde e Envelhecimento*. (M. C. S. Minayo & E. A. Coimbra Jr., org.), pp. 191-209, Rio de Janeiro: Editora Fiocruz.
- Spindler, P., & Fonseca, T. M. G. (2008). Dançando o pesar do Mundo. *Psicologia & Sociedade*, 20(3), 323-330.
- Tácito (2009). In *Michaelis: Dicionário de português online*. São Paulo: Melhoramentos. Recuperado em 6 maio, 2014, de <http://michaelis.uol.com.br/moderno/portugues/index.php?lingua=portugues-portugues&palavra=t%E1cito>.
- Vianna, K. (1990). *A dança*. São Paulo: Siciliano.
- Vianna, K. (2005). *A dança*. São Paulo: Summus.
- Vasconcelos, J. F. & Bianca, C. (1991). *Ilusões e Realidades: poesias*. Fortaleza: Batista.

- Volp, C. M., Deutsch, S., & Schwartz, G. M. (1995). Por que dançar? Um estudo comparativo. *Revista Motriz*, 1(1), 52-58.
- Whitaker, D. A. (2007). *Envelhecimento e Poder: a posição do idoso na contemporaneidade*. Campinas: Alínea.
- Witter, C., Buriti, M. A., Silva, G. B., Nogueira, R. S., & Gama, E. F. (2013). Envelhecimento e dança: análise da produção científica na Biblioteca Virtual de Saúde. *Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia*, 16(1), 191-199.
- World Health Organization (WHO). (2002). *Active Ageing: A Policy Framework*. Geneva.
- Xavier, F.; Ferraz, M.; Marc, N.; Escosteguy, N. & Moriguchi, E. (2003). Elderly people's definition of quality of life. *Revista Brasileira de Psiquiatria* 25(1), 31-39.

APÊNDICES

Apêndice A – Roteiro de Entrevista Não Estruturada

Casal: _____

Nome:

Idade: _____, _____.

Sexo: _____, _____.

Estado Civil: _____, _____.

Tempo de Parceria: _____

Data: ____/____/____.

Local: _____.

- 1) Conte-me como se deu as experiências de vocês com a dança ao longo de suas vidas?
- 2) O que vocês sentem quando dançam?
- 3) Como é a harmonia de vocês na dança a dois?
- 4) Como é a relação de vocês fora dos salões de dança?
- 5) Que benefícios a dança trás para a vida de vocês?
- 6) O que significa a dança para vocês?

Apêndice B - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)

TÍTULO DA PESQUISA: Dançando no salão da vida: um estudo qualitativo com idosos na cidade de Fortaleza.

PESQUISADORA RESPONSÁVEL: Andressa Maria Correia Vasconcelos

Prezado (a) senhor (a): Diante da realidade que o Brasil se encontra, em que o número de idosos cresce bastante e a expectativa de vida também, é de extrema importância para a ciência compreender de que maneira se dá o processo de envelhecimento. Esta pesquisa trata-se de um estudo acerca da experiência de idosos com a dança de salão.

Diante disso, o senhor (a) está sendo convidado (a) a participar de uma pesquisa que tem como objetivos: investigar os sentidos que os idosos dão à experiência de dançar a dois na dança de salão; entender a relação de parceria na dança e suas influências nos movimentos dançados pelos sujeitos da pesquisa; pesquisar como se deu o envolvimento com a arte da dança ao longo da vida dos idosos investigados; e identificar quais os benefícios da prática da dança de salão na vida dos idosos.

Espaço para rubrica:

Pesquisador Responsável

Participante da Pesquisa

1. PARTICIPAÇÃO NA PESQUISA:

Para participar desse estudo, pedimos a sua valiosa colaboração em responder a uma entrevista contendo algumas questões sobre a sua experiência com a dança de salão, com gravação de voz, e ser observado no próprio ambiente das práticas de dança de salão que ocorrem no Náutico Atlético Cearense, localizado na Avenida da Abolição, 2727, Bairro Meireles, pela pesquisadora, durante o tempo que julgar necessário para responder as questões da pesquisa.

Sua participação na pesquisa será voluntária. Durante o andamento da pesquisa, se por qualquer motivo resolver desistir, terá toda a liberdade para sair da pesquisa, sem prejuízo pessoal ou institucional.

2. RISCOS E DESCONFORTOS:

Considerando o fato desta se tratar de uma pesquisa em que se pretende coletar dados acerca de uma prática de promoção da saúde, os riscos desta pesquisa são mínimos.

Porém, ocasionalmente, durante a observação participante o senhor(a) poderá sentir algum constrangimento e durante a entrevista, o senhor (a) poderá ter algumas lembranças e/ou sentimentos que causem emoção, ao tratar-se de significados pessoais profundos atribuídos à prática de dança a dois. Tais riscos serão reduzidos da seguinte forma: no caso da ocorrência de constrangimento ao ser observado (a) e/ou sentimentos que causem emoções prejudiciais na entrevista, será imediatamente interrompida a coleta de dados naquele momento podendo continuar em outra ocasião ou a sua participação na pesquisa ser interrompida, se assim o senhor(a) desejar.

Espaço para rubrica:

Pesquisador Responsável

Participante da Pesquisa

3. BENEFÍCIOS:

Ao tratar dos sentidos pessoais atribuídos a uma prática de uma atividade de bem-estar, o senhor(a) pode, ao tratar da sua própria experiência, lembrar momentos e sentimentos prazerosos além de reconstruir tais experiências através da fala.

Além disso, sua participação será de extrema importância para o desenvolvimento da pesquisa e para a aplicação de seus resultados, que contribuirão com informações que podem resultar na formação de novos conceitos culturais sobre a fase idosa, mantendo e respeitando o compromisso ético com a dignidade da vida.

4. FORMAS DE ASSISTÊNCIA

Caso haja qualquer desconforto emocional ou constrangimento que necessite de assistência, o senhor (a) será encaminhado (a) pela pesquisadora, ao Núcleo de Atenção Médica Integrada (NAMI) da Universidade de Fortaleza, mais especificamente ao Serviço de Psicologia Aplicada (SPA) que disponibiliza o serviço de Plantão Psicológico que se caracteriza pelo oferecimento de até 4 atendimentos psicológicos de cunho emergencial, sem a necessidade de encaminhamento aos pacientes por ordem de chegada e sem nenhum custo financeiro. O serviço também oferece acompanhamento individual posterior caso seja evidenciada a necessidade pelos profissionais de psicologia. O serviço de Plantão Psicológico acontece todas as terças, quartas e quintas das 14 às 17 horas na *Rua Desembargador Floriano Benevides*, 221- Bairro Edson Queiroz (ao lado do Fórum Clóvis Beviláqua), CEP: 60811-905. Telefone para contato: (85)34773644.

Espaço para rubrica:

Pesquisador Responsável

Participante da Pesquisa

5. CONFIDENCIALIDADE:

As informações concedidas serão confidenciais, de conhecimento apenas dos pesquisadores responsáveis e serão utilizadas somente para essa pesquisa.

Sua identidade será mantida em absoluto sigilo no percurso da pesquisa e sua conclusão, conforme orienta a resolução de nº 466/12 do Conselho Nacional de Saúde - Ministério da Saúde Brasileiro (CNS/MS).

6. ESCLARECIMENTOS:

Será concedida a garantia de esclarecimentos sobre a metodologia da pesquisa, antes e durante o curso da mesma. O estudo será orientado pelo prof. Dr. José Clerton de Oliveira Martins, professor titular da Universidade de Fortaleza e está devidamente autorizado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade de Fortaleza-UNIFOR.

Em caso de maiores esclarecimentos, favor entrar em contato com a pesquisadora responsável Andressa Maria Correia Vasconcelos, entre 08:00 e 22:00horas no seguinte endereço: Avenida Rogaciano Leite, 200 Apto. 803 Violet, Bairro Salinas. Fortaleza (CE) CEP: 60810-786. Fone (85) 89450041. E-mail: andressa.maria@hotmail.com.

Se desejar obter informações sobre os seus direitos e os aspectos éticos envolvidos na pesquisa poderá consultar o Comitê de Ética da Universidade de Fortaleza, Ce. Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos – COÉTICA. Universidade de Fortaleza. Av. Washington Soares, 1321, Bloco da Reitoria, Sala da Vice-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação, 1º andar. Bairro Edson Queiroz, CEP 60811-341. Telefone (85) 3477-3122, Fortaleza, Ce.

Espaço para rubrica:

Pesquisador Responsável

Participante da Pesquisa

7. RESSARCIMENTO DAS DESPESAS:

Caso o(a) Sr.(a) aceite participar da pesquisa, não receberá nenhuma compensação financeira.

8. CONCORDÂNCIA NA PARTICIPAÇÃO:

Se o(a) Sr.(a) estiver de acordo em participar deve preencher e assinar o Termo de Consentimento Pós-esclarecido que se segue, e receberá uma via deste Termo e a outra ficará com o pesquisador.

Vale ressaltar que o participante de pesquisa ou seu representante legal quando for o caso, e a pesquisadora responsável devem rubricar todas as folhas deste documento, pondo sua assinatura na última página do referido termo.

9. TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM E DEPOIMENTOS

Depois de conhecer os objetivos e procedimentos metodológicos da pesquisa, intitulada provisoriamente de “DANÇANDO NO SALÃO DA VIDA: UM ESTUDO QUALITATIVO COM IDOSOS NA CIDADE DE FORTALEZA”, especificados acima, AUTORIZO, através do presente termo, a pesquisadora Andressa Maria Correia Vasconcelos, Mestranda da Universidade de Fortaleza, UNIFOR, sob a orientação do prof. Dr. José Clerton de Oliveira Martins, docente da UNIFOR a realizar as fotos e/ou filmagens que se façam necessárias e/ou a colher meu depoimento sem quaisquer ônus financeiros a nenhuma das partes.

Ao mesmo tempo, libero a utilização das imagens e/ou depoimentos exclusivamente para fins de instrumentalização da pesquisa, visto que, ao se tratar de um estudo sobre dança, é de reconhecida importância que sejam analisadas também a linguagem corporal.

Espaço para rubrica:

Pesquisador Responsável

Participante da Pesquisa

Tenho ciência que as imagens serão utilizadas somente impressas na versão final da dissertação, e exibidas unicamente no momento da defesa do referido trabalho em formato de slides e vídeos. Também tenho ciência de que será garantida a anonimização das imagens coletadas através da face desfocada e da mudança de voz. Tenho ciência de que as imagens coletadas só poderão ser utilizadas depois de passar por um rigoroso processo de anonimização. Tenho ciência de que após o término da pesquisa as imagens serão apagadas e não mais poderão ser exibidas. Tais medidas acima especificadas obedecem à resolução n^o 466/12 do Conselho Nacional de Saúde, do Ministério da Saúde, que expressa a responsabilidade e compromisso ético em pesquisa envolvendo seres humanos.

10. CONSENTIMENTO PÓS ESCLARECIDO

Pelo presente instrumento que atende às exigências legais, o Sr.(a) _____, portador(a) da cédula de identidade _____, declara que, após leitura minuciosa do TCLE, teve oportunidade de fazer perguntas, esclarecer dúvidas que foram devidamente explicadas pelos pesquisadores, ciente dos serviços e procedimentos aos quais será submetido e, não restando quaisquer dúvidas a respeito do lido e explicado, firma seu CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO em participar voluntariamente desta pesquisa.

E, por estar de acordo, assina o presente termo.

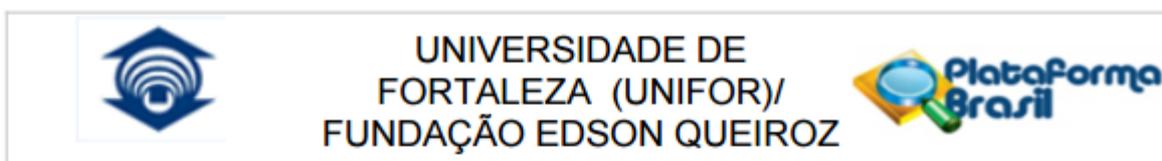
Fortaleza-Ce., _____ de _____ de _____.

Assinatura do participante ou Representante Legal

Pesquisador Responsável

ANEXOS

Anexo A – Parecer Consubstanciado do CEP UNIFOR



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Dançando no salão da vida: um estudo qualitativo com idosos na cidade de Fortaleza

Pesquisador: Andressa Maria Correia Vasconcelos

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 42669315.6.0000.5052

Instituição Proponente: UNIVERSIDADE DE FORTALEZA

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 1.104.614

Data da Relatoria: 05/06/2015

Apresentação do Projeto:

A contemporaneidade é descrita como um tempo marcado pela velocidade das mudanças econômicas, tecnológicas, culturais e do cotidiano. A vivência do homem contemporâneo, imerso nesse constante presente, igualmente se traduz no culto ao corpo jovem como um valor, um bem a ser adquirido por meio das mais variadas práticas. A instantaneidade passa a ser vivida com grande intensidade na experiência desse homem com seu

mundo (Bauman, 1998). A abolição do tempo pode até mesmo signicar seu congelamento em alguma de suas formas de expressão, a fim de que seus rastros não provoquem o efeito tão conhecido por nós: envelhecer o que quer que seja por onde passa (Bauman, 1999). Na relação com a dimensão temporal, outras consequências colocam-se à nossa frente. Vivendo em um mundo no qual o tempo é um valor, cultivamos a ideia de que utilizá-lo numa perspectiva subjetiva é, na realidade, "perda de tempo". Há que se ganhar dele, trapaceá-lo, ultrapassá-lo, para que finalmente se possa conquistá-lo, vencê-lo. O tempo livre coloca-se como um tempo oco, vazio, que deve ser preenchido (Haddad, 1986). Nesse caso, a velhice encontra-se intimamente ligada a essa questão, porque o idoso dispõe de muito "tempo vago" no seu cotidiano, por força da crença, ainda vigente na atualidade, de que a aposentadoria pode signicar o fim das atividades laborativas, o momento a partir do qual o idoso deixa de produzir

Endereço: Av. Washington Soares 1321 Bloco da Reitoria

Bairro: sala da VRPPG - Edson Queiroz **CEP:** 60.811-905

UF: CE **Município:** FORTALEZA

Telefone: (85)3477-3122 **Fax:** (85)3477-3056 **E-mail:** coetica@unifor.br



UNIVERSIDADE DE
FORTALEZA (UNIFOR)/
FUNDAÇÃO EDSON QUEIROZ



Continuação do Parecer: 1.104.614

mais valia. O Brasil tem-se destacado pela longevidade de sua população, que envelhece em ritmo crescente, deixando de ser, gradativamente, um País de jovens. Obtidos a partir da transição demográfica em curso e da participação cada vez maior dos idosos na composição da população, os dados do relatório Síntese de indicadores sociais do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) (2012) refletem o forte processo de

envelhecimento da população brasileira. Os estudos apontam que, de 2001 para 2011, aumentou de 14,5 para 18,6 a quantidade de pessoas de 60 anos ou mais de idade para cada grupo de 100 pessoas em idade potencialmente ativa. Outro indicador que reflete características do envelhecimento populacional é o índice de envelhecimento, medido pela razão entre o número de pessoas de 60 anos ou mais de idade para cada 100 pessoas de menos de 15 anos de idade. No Brasil, esse índice se elevou de 31,7, em 2001, para 51,8, em 2011. Outro dado bastante relevante é o aumento da esperança de vida. O conceito esperança de vida foi apontado como fator indireto que influencia a qualidade de vida dos indivíduos. O aumento nos índices de melhoria dos estilos de vida associado à modernização das tecnologias médicas possibilita retardar ou evitar a instalação

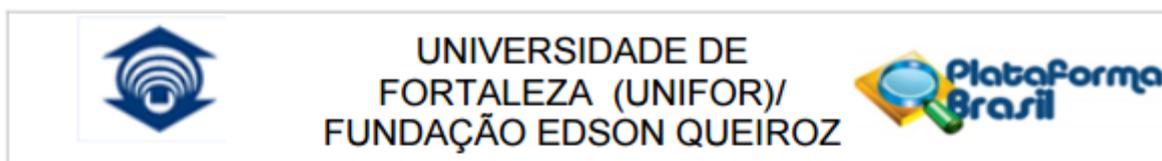
de transtornos e doenças incapacitantes. Nesse sentido, a incapacidade, a morbidade e a longevidade estão entre os principais assuntos de interesse das pesquisas recentes (Neri, 2007). O IBGE (2012) divulgou os resultados das Tábuas Completas de Mortalidade, usadas pelo Ministério da Previdência Social como um dos parâmetros para determinar o fator previdenciário nas aposentadorias pelo Instituto Nacional do Seguro Social

(INSS). Quando a expectativa de vida aumenta, também eleva o desconto do fator previdenciário. A esperança de vida ao nascer no Brasil subiu de

74,08 anos, em 2011, para 74,6 anos, em 2012. Diante desse fato, o que se questiona é se diante das impactantes transformações demográficas estão também se sucedendo profundas mudanças socioeconômicas. O crescente aumento do número de idosos pode ser acompanhado de graves consequências nos países de terceiro mundo, consequências consideradas até dramáticas em um futuro próximo. Papaléo, Yuaso e Kitadai (2005) utilizam o termo "revolução de longevidade" ao se referirem ao fenômeno demográfico do século XX, justificando o seu emprego com a projeção do número de indivíduos com idade igual ou superior a 60 anos, que será de 32 milhões para o ano de 2025 no Brasil. Faz-se necessário afirmar que o referido aumento da longevidade não se deve a uma melhora da situação socioeconômica, mas, especialmente, aos avanços tecnológicos obtidos

no campo da medicina. Vale ressaltar que a constituição de um saber específico sobre o corpo na fase idosa é recente – data do início do século XX o nascimento da geriatria e da gerontologia. O

Endereço: Av. Washington Soares 1321 Bloco da Reitoria
Bairro: sala da VRPPG - Edson Queiroz **CEP:** 60.811-905
UF: CE **Município:** FORTALEZA
Telefone: (85)3477-3122 **Fax:** (85)3477-3056 **E-mail:** coetica@unifor.br



Continuação do Parecer: 1.104.614

interesse científico em relação à velhice permaneceu, por muitos anos, restrito à tentativa de se explicar as causas do envelhecimento e se identificar possíveis métodos para retardá-lo. Isso pode ser justificado pelo fato de o corpo envelhecido

ser visto como um sinal do declínio da energia vital do corpo humano, desgastado pela ação do tempo. Dessa maneira, até então o envelhecer constituía o irremediável destino humano, sem muitas opções de medidas terapêuticas aplicadas ao idoso (Correa, 2009). Assinale-se que o discurso científico produzido sobre o corpo envelhecido, frequentemente fundado em pressupostos processos biológicos universais estimula modos de produção sobre o corpo do idoso descolados de um contexto sócio-histórico (Correa, 2009). Grande parte dos avanços nessa área refere-se a estudos e a enunciados que não priorizam a escuta desse público. A meu ver, esse fato relaciona-se com aspectos culturais de uma sociedade

capitalista ocidental que não valoriza o idoso e os ensinamentos que o avanço da idade pode proporcionar. Vale frisar que o público em tela, em sua maioria, não é visto como integrante da classe economicamente ativa, acarretando, ao contrário, prejuízos aos cofres públicos, considerando-se os aspectos previdenciários. Doutro modo, não entraria na pauta dos interesses do Governo e não seria prioridade na elaboração de políticas públicas

que o privilegiem, o que se prova com a tardia elaboração da Lei nº 10.741, de 1º de outubro de 2003 (Estatuto do Idoso). Diante de tais considerações, a principal motivação para a escolha da temática do idoso como objeto de estudo partiu da enorme curiosidade acerca dos aspectos importantes para a vivência da fase idosa de forma qualitativa e digna numa sociedade em que prevalece o consumismo e a negação da velhice. A

escolha do público em questão também é justificada pela convivência constante com pessoas idosas que esbanjam saúde, disposição e atitude positiva diante da vida nos bailes de dança de salão.

Objetivo da Pesquisa:

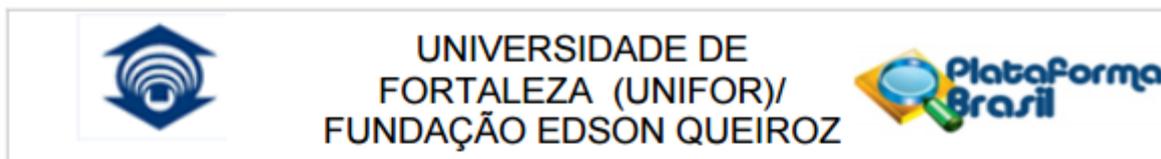
Objetivo Primário:

Investigar os sentidos atribuídos pelos idosos à experiência de dançar a dois proporcionada pela dança de salão.

Objetivo Secundário:

Explorar como se dá a relação de parceria e suas repercussões na fluidez e integração dos movimentos dançados pelos sujeitos da pesquisa; pesquisar como se deu o envolvimento com a arte da dança ao longo da vida dos idosos investigados; e identificar quais os benefícios da prática da dança de salão na vida dos idosos.

Endereço: Av. Washington Soares 1321 Bloco da Reitoria
Bairro: sala da VRPPG - Edson Queiroz **CEP:** 60.811-905
UF: CE **Município:** FORTALEZA
Telefone: (85)3477-3122 **Fax:** (85)3477-3056 **E-mail:** coetica@unifor.br



Continuação do Parecer: 1.104.614

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos:

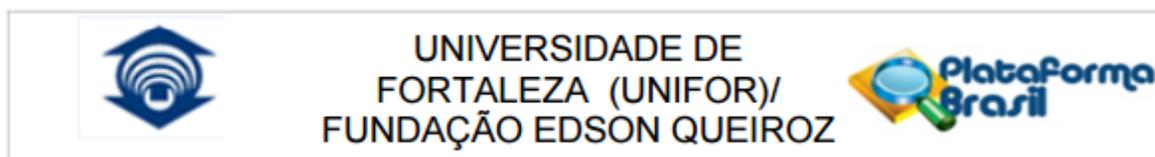
A Resolução 466/12 considera que toda pesquisa envolvendo seres humanos envolve algum tipo de risco, entretanto, no entendimento da pesquisadora, as possibilidades de risco desta mesma são baixos, considerando o fato de se tratar de uma pesquisa em que pretende-se coletar dados subjetivos acerca de uma prática de promoção da saúde, a dança de salão. O idoso pode sentir algum constrangimento ao ser observado na fase da observação participante. Ocasionalmente, o idoso entrevistado pode ter algumas lembranças que lhe cause emoção ao tratar-se de significados profundos atribuídos à prática de dança em parceria. Para tanto, o mesmo receberá a assistência devida.

Benefícios:

idosos estão imersos, a relevância deste estudo pauta-se por contribuir com informações que possam refletir em reformulações culturais sobre a fase idosa, mantendo e respeitando o compromisso ético com a dignidade da vida. Também nesse sentido, avaliar estratégias que promovam a dignidade de vida dos idosos mediante uma escuta sensível acerca da prática da dança pode acarretar mudanças de atitude e produzir possíveis benefícios para a saúde dos mesmos. Salienta-se, ainda, a relevância deste estudo para a Psicologia, por sua natureza aplicada, visto que a aplicação prática dos conhecimentos obtidos em uma determinada realidade é mais presente do que o simples desenvolvimento de teorias de valor universal (Gil, 2008). Partindo-se dessas informações, o problema posto para esta investigação contempla as referidas questões: Quais as repercussões da prática da dança de salão na vida do idoso? Quais os sentidos atribuídos ao ato de dançar pelos sujeitos da pesquisa? O que os idosos em questão consideram significar envelhecer com qualidade? E, por fim, quais os dados qualitativos da experiência de dançar na vida dos

idosos. Vale salientar que a nomenclatura "idoso" destina-se a designar pessoas com idade igual ou superior a 60 (sessenta) anos e será evidenciada ao longo deste estudo. A Organização Mundial de Saúde (OMS) utiliza o termo "idoso" para se referir às pessoas que se enquadram nessa faixa etária, classificando-as, no entanto, geograficamente. Assim, são idosos os indivíduos com idade igual ou superior a 60 (sessenta) anos que habitam os países em desenvolvimento, e a 65 (sessenta e cinco), nos países desenvolvidos. Ao se tratar do Brasil, as considerações da OMS (1946) deverão basear esta pesquisa. Em paralelo ao que estabelece a Organização Mundial de Saúde (OMS), a legislação brasileira, ao instituir o Estatuto do Idoso (Lei nº 10.741, 2003), regulamentou os direitos assegurados a pessoas com

Endereço: Av. Washington Soares 1321 Bloco da Reitoria
Bairro: sala da VRPPG - Edson Queiroz **CEP:** 60.811-905
UF: CE **Município:** FORTALEZA
Telefone: (85)3477-3122 **Fax:** (85)3477-3056 **E-mail:** coetica@unifor.br



Continuação do Parecer: 1.104.614

idade igual ou superior a 60 (sessenta) anos. Por se tratar de um público diferenciado que exige leis próprias, pretende-se também adotar a mesma faixa etária e a mesma nomenclatura instituída pelo Congresso Nacional. O projeto encontra-se estruturado até o presente momento como listado a seguir. 1) Referencial teórico, abrangendo os subcapítulos envelhecer na contemporaneidade; vida com qualidade e autonomia na fase idosa; a arte de viver e a contemporaneidade; a arte e o

lúcio como possibilidades transformadoras; sobre a dança; o corpo envelhecido e a dança de salão; e da experiência à dança a dois. 2) Objetivos, geral e específicos. 3) Método, contemplando os subcapítulos delineamentos da pesquisa; cenário e participantes do estudo; coleta de dados; organização e análise de dados; e procedimentos éticos. 4) Cronograma. 5) Orçamento. 6) Referências. Por fim, nos apêndices seguem os

instrumentos que serão utilizados nesta investigação. Busca-se, com este estudo, contribuir significativamente para a produção científica dessa área de conhecimento, principalmente com base na crença de que, com seu ritmo próprio, o idoso é capaz de desenvolver métodos de enfrentamento das condições impostas pela velocidade do mundo contemporâneo.

Tamanho da Amostra no Brasil: 6 Ao tratar dos sentidos subjetivos atribuídos a uma prática de uma atividade promotora da saúde e de bem-estar, os entrevistados podem, ao tratar da sua própria experiência, rememorar momentos e sentimentos prazerosos além de reconstruir ou elaborar tais experiências através da fala.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

A pesquisa é relevante visto propor analisar quais os significados atribuídos pelos idosos na atividade de danças a dois.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Informações Básicas do Projeto PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_450063.pdf

Informações Básicas do Projeto PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_450063.pdf

Finalizar

Manter sigilo da íntegra do projeto de pesquisa: Não

Parecer do Relator PB_PARECER_RELATOR_1010578.pdf

Folha de Rosto Folha de Rosto- Plataforma Brasil (2).jpg

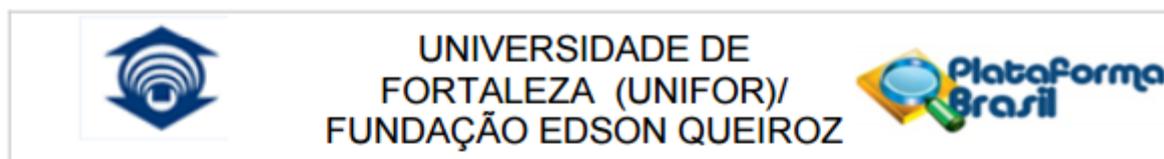
TCLE - Modelo de Termo de Consentimento Livre e

Esclarecido

TCLE Plataforma Brasil v.pdf

Parecer do Colegiado PB_PARECER_COLEGIADO_1012480.pdf

Endereço: Av. Washington Soares 1321 Bloco da Reitoria
Bairro: sala da VRPPG - Edson Queiroz **CEP:** 60.811-905
UF: CE **Município:** FORTALEZA
Telefone: (85)3477-3122 **Fax:** (85)3477-3056 **E-mail:** coetica@unifor.br



Continuação do Parecer: 1.104.614

Outros Termo de Anuência - Nautico.pdf

Parecer Consubstanciado do CEP PB_PARECER_CONSUBSTANCIADO_CEP_1013468.pdf

Projeto Detalhado Projeto de Pesquisa - Plataforma Brasil v.pdf

Recomendações:

Sem recomendações ao projeto de pesquisa.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Sugere-se a Aprovação.

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

Considerações Finais a critério do CEP:

FORTALEZA, 12 de Junho de 2015

Assinado por:
Marilia Joffily Pereira da Costa Parahyba
(Coordenador)

Endereço: Av. Washington Soares 1321Bloco da Reitoria
Bairro: sala da VRPPG - Edson Queiroz **CEP:** 60.811-905
UF: CE **Município:** FORTALEZA
Telefone: (85)3477-3122 **Fax:** (85)3477-3056 **E-mail:** coetica@unifor.br